

# 800 anos

AGUDOS, 2019

DO ENCONTRO DE SÃO FRANCISCO COM O SULTÃO AL-MALIK AL-KAMIL

## "Os Franciscanos:

PROFETAS DO DIÁLOGO, DO RESPEITO E DA PAZ"



SUBSÍDIO PARA ESTUDO EM FRATERNIDADE  
EM PREPARAÇÃO AO ENCONTRO CELEBRATIVO

**Organização:**  
Frei Zilmar Augusto, OFM

# “Os Franciscanos:

PROFETAS DO DIÁLOGO, DO RESPEITO E DA PAZ



SUBSÍDIO PARA ESTUDO EM FRATERNIDADE  
EM PREPARAÇÃO AO ENCONTRO CELEBRATIVO

# Sumário

Apresentação .....	3
Papa escreve sobre o encontro de Francisco e o Sultão .....	4
São Francisco e o Sultão .....	6
O sonho de Francisco e realiza .....	11
O que as Fontes falam desse encontro .....	14
Teria Francisco realmente buscado o martírio .....	18
O que Francisco realmente pensava da Cruzada .....	19
O diálogo, um elemento essencial da Espiritualidade Franciscana na Inter-Religiosidade .....	20
A coragem da não conformidade, por causa do Evangelho .....	21
Mensagem para o mês do Ramadã .....	22
Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência .....	23
Ofício pela paz .....	24
Partituras .....	25

# Apresentação

Em pleno coração das Cruzadas, em 1219, São Francisco, deixa sua pequena Assis, com suas flores e o canto dos pássaros e parte rumo a Damietta, no Egito. Alguém lhe revelará de forma muito secreta que era preciso partir. Vestido apenas de seu burel e não com a couraça dos guerreiros, tinha consigo, somente uma arma, a arma do amor. O mar que o levaria ao encontro de Melek-El-Khamil, não era tão revoltoso, como revoltoso era a realidade de uma pessoa eliminar outra em nome de Deus. Na sofreguidão das águas, que lentamente o conduzia ao encontro, mergulha Francisco, na realidade da Fraternidade, ferida quando uns se consideravam fiéis e poderiam tratar os outros como infiéis. Sua barca parecia frágil para velejar tamanho mar. Não mais frágil do que a realidade entre cristãos e muçulmanos, marcada pelo ódio e cobiça. Intrépido e munido com o escudo da fé, chega a Damietta. O que teriam conversado? Não sabemos! Esse diálogo ficou gravado somente no coração de Deus e só Deus testemunhou aquela aventura do pobrezinho e do Sultão. Palavras não foram escritas e nem olhos testemunharam. Apenas algumas anotações posteriores, nos dizem, que o Sultão, convertido em mansidão na presença do servo de Deus; por alguns dias o ouviu a si aos seus sobre a fé em Cristo.

Passados oito séculos, a humanidade está às voltas com o diálogo interreligioso e ecumênico. Ainda cruzamos mares e ares para em nome de Deus, Javé, Alá agredir, espoliar, matar.

Francisco o de Assis e o de Roma nos dizem, que a paz virá quando formos capazes de respeitar a crença que move corações, mãos e pés de uma pessoa, de uma religião, de uma nação. Pois, afinal, nos restam três coisas: a Fraternidade, a Bondade e o Amor!

O subsídio que temos em mãos, nos oferece elementos históricos, teológicos e pastorais, que estimula a oração, o diálogo fraterno e provocam atitudes concretas de fraternidade com outras religiões.

Que Javé, Deus, Alá nos ajudem nesta bonita aventura franciscana, a aventura de descobrir as Sementes do Verbo em todas as crenças.

Frei Éderson Queiroz, OFM Cap  
*Presidente da Família Franciscana do Brasil*

# Papa escreve sobre o encontro de Francisco com o Sultão



**Cidade do Vaticano** – Na quinta-feira (28/02) foi publicada uma Carta (em latim) do Papa Francisco ao cardeal Leonardo Sandri, prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais, seu enviado especial às celebrações dos 800 anos do encontro entre São Francisco de Assis e o Sultão Al-Malik Al-Kamel, que serão realizadas no Egito de 1º a 3 de março.

O Papa recorda o Pobrezinho de Assis como um “homem de paz” que encorajava os seus frades a saudar as pessoas como Jesus pedia: “O Senhor te conceda a paz”. São Francisco – escreve o Papa – “tinha entendido com o coração que todas as coisas tinham sido criadas por um só Criador, o único que é bom, e que “Ele é um Pai comum para todos os homens”. Portanto “desejava levar a todos os homens, com espírito jubiloso e fervoroso, a notícia” do amor indizível de “Deus Todo Poderoso e Misericordioso”, que “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,3-4). Por isso convidava os seus frades que se sentiam chamados por Deus a ir ao encontro dos sarracenos e dos não cristãos, apesar dos perigos.

### **São Francisco e o Sultão**

O próprio Francisco – recorda o Papa – junto com seu coirmão, Frei Iluminado, partiu para o Egito em 1219. Em Damietta, ao norte do Cairo, encontrou o Sultão. Diante das perguntas do chefe sarraceno, “o servo de Deus Francisco, respondeu com o coração intrépido que não tinha sido enviado pelos homens, mas por Deus Altíssimo, para mostrar a ele e ao seu povo o caminho da salvação e anunciar o Evangelho da verdade”. E o Sultão, ao ver o admirável fervor de espírito e a virtude do homem de Deus, o escutou de boa vontade” (São Boaventura, Lenda Maior, 7-8).

### **“Uma nação não levantará a espada contra outra”**

O Papa encoraja o cardeal Sandri a levar a sua “saudação fraterna” a todos, cristãos e muçulmanos. Almeja que ninguém caia na tentação da violência, principalmente “sob algum pretexto religioso”, mas antes disso se realizem “projetos de diálogo, de reconciliação e de cooperação” que “levem os homens à comunhão fraterna” difundindo a paz e o bem segundo as palavras do profeta Isaías: “Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se arrastarão mais para a guerra”. O Papa conclui a carta abençoando todos os participantes deste “memorável evento” e “todos os promotores do diálogo inter-religioso e da paz”.

# São Francisco e o Sultão



*Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM*

## **Apresentando**

*Há oitocentos anos, São Francisco dirigiu-se ao Egito (1219-2019) realizando o sonho de ir ao encontro dos muçulmanos. Na ocasião teve uma “audiência” especial com o Sultão. O Ministro Geral da OFM, Michael Anthony Perry, em Carta de 7 de janeiro de 2019, escreve: “O aniversário do encontro de Francisco com Al-Malik Al-Kamil, em Damietta de 1219, nos convida a perguntarmo-nos de novo quais ações e palavras que agradariam a Deus no meio do pluralismo e da complexidade do mundo de hoje”.*

*André Vauchez, renomado historiador francês, autor de muitas obras em torno da história medieval, escreveu uma alentada biografia de São Francisco (François d'Assise. Entre histoire et mémoire, Fayard, Paris, 2009). Nossa intenção é apresentar aqui quase uma tradução do capítulo sobre o encontro de Francisco com o Sultão (Sortir d'Italie et rencontrer l'Islam (1217-1220) p. 135-154).*

## **I. Precedentes da viagem**

### **O estado da Ordem e o espírito de Francisco**

1. Por ocasião do Capítulo Geral da Fraternidade de Francisco de Assis que se reuniu na Porciúncula, na solenidade de Pentecostes, em maio de 1217, foram tomadas duas decisões particularmente importantes: a criação de províncias à frente das quais seriam colocados ministros e o envio, para fora da Itália, de alguns grupos de frades que se dirigiriam uns para a Terra Santa e outros para a Inglaterra, Alemanha e Hungria. A Fraternidade tomava assim importante decisão: os frades foram tomando consciência de que sua vocação tinha um cunho universal. No começo nem tudo foi bem-sucedido. Houve mesmo fracassos em várias das missões, salvo a da Inglaterra. Mesmo tendo partido cheios de entusiasmo, os frades enfrentaram sérias dificuldades. Antes de tudo, não conheciam a língua, o que dificultava a comunicação. Não dispunham de texto papal a respaldar a missão fora da Itália, o que suscitava certamente desconfiança nos países aos quais se haviam dirigido. Na Alemanha foram considerados hereges e até mesmo perseguidos.

2. Francisco não conseguia aceitar a ideia que, devendo ser o modelo para seus irmãos, permanecesse na Itália onde não corria risco algum. Resolveu dirigir-se à França, na realidade, para a parte norte do país. O Poverello sentia-se atraído por este país, antes de tudo pelo fato de conhecer a língua, mas sobretudo porque a França tinha em alta estima a Eucaristia. Francisco teria querido morrer ali devido o respeito que lá se prestava ao Corpo de Cristo. A princípio tal motivação pode parecer estranha. Ela se explica, no entanto, devido a sua piedade eucarística particularmente intensa e ao lugar que ela ocupava nas regiões ao norte dos Alpes na devoção dos fiéis.

3. Desde o final do século XII, o bispo de Paris, Maurice de Sully, prescrevera a genuflexão diante da hóstia consagrada e nas regiões setentrionais – Artois, Flandres e Brabante – as beguinhas, como Maria de Oignies (+ 1213), como também Ida de Nivelles (+1231) levavam intensa vida espiritual, centrada na humanidade de Cristo e sua presença “real” nas espécies do pão e do vinho.

4. Francisco partiu para a França após o Capítulo Geral de 1217 sem, no entanto, concluir a viagem. Em Florença encontrou o cardeal Hugolino, que desaconselhou seu intento, e segundo certas fontes, o proibiu de continuar a viagem. Francisco aceitou esta ordem e voltou para Assis. Um pequeno grupo de frades ganhou Paris, sob a direção de Frei Pacífico, que deveria ser o primeiro ministro da nova província da França.



5. Houve este encontro com o cardeal Hugolino. Não há dúvidas quanto à historicidade do fato. Seu alcance, porém, é difícil de ser avaliado. As versões de que dispomos a respeito do assunto divergem. O que se pode dizer que, se não foi o primeiro encontro de Francisco com o cardeal, certamente foi a conversa mais aprofundada entre Francisco e o cardeal-bispo de Óstia, um dos membros mais influentes do Sacro Colégio que, posteriormente, deveria assumir papel importante na vida de Francisco e dos frades menores. Em 1217, Hugolino ainda não tinha nenhuma responsabilidade institucional para com a Fraternidade de Francisco e não há razão para se crer que já tivesse sucedido ao cardeal beneditino João de São Paulo que havia morrido em 1214 ou 1215 e que tinha tido um encontro caloroso com Francisco por ocasião de sua viagem a Roma anos antes. Depois, Hugolino seria o cardeal protetor.

6. Hugolino acabava de realizar missão de pacificação nas cidades da Itália central e setentrional. Buscava fazer com que os habitantes dessas regiões se reconciliassem sob a égide da Santa Sé e que contribuíssem para as despesas ocasionadas pela Cruzada que estava para se realizar. Desde que começou a fazer parte do Sacro Colégio, Hugolino foi incumbido, por Inocêncio III, de delicadas tarefas de modo particular da relação com o Império. Hugolino não era um mero diplomata. Mesmo não podendo ser equiparado a Francisco, era um homem profundamente religioso, que não hesitava em buscar conselhos junto a um mestre espiritual cisterciense, Rainier de Ponza que tinha sido discípulo de Joaquim de Fiore.

7. O encontro de Hugolino com Francisco não se reduziu, contrariamente ao que imaginou Paul Sabatier em sua famosa *Vie de Saint François*, publicada em 1893-94, a um confronto com um prelado autoritário, encarregado de transformar a Fraternidade franciscana em Ordem religiosa, sujeita à Igreja romana e um homem simples e evangélico que queria guardar a espontaneidade simples e o frescor do movimento que ele havia lançado. A interpretação mais digna de crédito é a que fornece a Legenda Perusina, segundo a qual Hugolino deu a Francisco um conselho e que ele, na verdade, não observou: não deixar a Itália antes que sua fundação tivesse solidez. Naquele momento a dificuldade tinha origem na Cúria romana e nos bispos, que no Concílio do Latrão IV, redigiram e aprovaram um cânon relativo às Ordens novas que dizia: “Proibimos no futuro a criação de qualquer Ordem nova... Quem quiser seguir o caminho da vida religiosa deverá escolher uma das Ordens já aprovadas. Francisco, naquele momento, nada mais dispunha do que uma aprovação oral de sua Fraternidade como Ordem feita pelo Papa. Não tinha nem regra nem privilégios. Recentemente levantou-se a hipótese de que Honório III tenha aprovado em 1216 ou 1219 uma regra pequena, diferente do texto que Inocêncio III havia aprovado oralmente em 1209 para que os Menores não fossem atingidos pela decisão conciliar. Nada mais incerto já que documento algum aluda a esta hipótese. Fato é que não seria conveniente que Francisco, em tais circunstâncias, deixasse a Itália.

8. Durante esses momentos de diálogo, sem dúvida, difíceis, Francisco teria dito a Hugolino: “Julgais vós, Senhor, que Deus tenha enviado os frades apenas a estas terras (da Itália)? A verdade é que o Senhor escolheu e enviou os frades para proveito e salvação de todos os homens do mundo inteiro; não só as terras dos crentes os hão de receber, como também as dos infiéis. Observem eles o que prometeram a Deus, e Deus lhes ministrará o necessário, seja em terra de infiéis, seja em terra de crentes” (Legenda Perusina, n.82).

9. Desta maneira, no momento em que a sobrevivência de sua fundação podia estar correndo risco, o Pobre de Assis afirmava clara e publicamente seu caráter universal e sua vocação de deixar as fronteiras da cristandade. Francisco é, com efeito, o primeiro santo da Idade Média a buscar contato com o mundo muçulmano e o ter conseguido. Segundo Tomás de Celano, seu primeiro biógrafo, havia ele planejado desde 1212 dirigir-se a Síria, para pregar a penitência aos sarracenos e outros infiéis. O navio em que tinha embarcado, em Ancona, no entanto, foi presa de uma tempestade e precisou fazer o caminho de volta. Foi o ano em que grupos de jovens, chamados “Pastoraux” partiram em grande número da França e da Alemanha com destino a Terra Santa, por vezes atravessando a Itália central. Talvez a tentativa de Francisco tenha se inserido nesse contexto. Há o registro de uma viagem de Francisco ao Marrocos tendo como escopo pregar a palavra de Cristo ao emir al-Mumenin que reinava em Marrakesh. O santo, no entanto, na Espanha, ficara doente e foi obrigado a voltar para a Itália.

10. Por ocasião do Capítulo de 1217 não havia Francisco concebido ambicioso projeto de apostolado missionário para além do mundo cristão? Não enviara ele vários grupos de frades a diversos países da Europa, mas também Frei Gil a Tunis e Frei Elias para a Palestina com alguns companheiros?

### CONVERSA FRATERNA

1. Percebemos, no texto, que Francisco se dispôs à missão por saber que era o modelo para seus irmãos. Atualmente, falamos muito em “estado permanente de missão”. Será que somos modelo de missionários e missionárias para os irmãos e irmãs que convivem conosco? Conheço ou conheci algum irmão ou irmã que viveu com afincado esta dimensão missionária franciscana?

2. Somos capazes de entender que o franciscano e a franciscana é chamado a ser sinal de diálogo e fraternidade não só no meio católico, mas também entre irmãos que professam outras crenças?

## O sonho de Francisco se realiza – II



Imagem: Cornelis Claesz, Assalto a Da

*Continuamos a transcrever, em tradução e adaptação, as reflexões de André Vauchez, a respeito da estadia de Francisco nas terras muçulmanas e junto ao Sultão, em sua obra “François d’Assise”, Fayard, Paris, p. 135-154.*

11. Em 1219, finalmente Francisco consegue realizar seu sonho: partindo de Ancona no mês de junho com Pedro Cattani aporta em São João d’Acre onde encontra Frei Elias e seus companheiros que Já se encontravam lá. A partir daí, fim de julho ou começo de agosto, chega a Damietta, porto importante, situado no delta do Nilo que estava ocupado pelas tropas dos cruzados. No dia 12 de abril, com efeito, Inocêncio III, edita a bula *Quia maior* por meio da qual convidava os prelados da Igreja a se reunirem em Concílio em Roma. No ano de 1215, havia lançado forte apelo aos cristãos do Ocidente pela Cruzada. Depois de ter traçado um perfil bastante sombrio do fundador do Islã, anunciava a derrota definitiva e última dos sarracenos:

12. Um filho da perdição, o pseudo-profeta Maomé se levantou. Por meio de incitações terrestres e prazeres carnavais, fez com que muitos se desviassem da verdade. Sua perfídia durou até nossos dias. Temos fé em Deus de que o fim da Besta está próximo. O número (da Besta) segundo o Apocalipse de João, é 666 sendo que já se transcorreram certa de seiscentos anos (citação do autor Tolan).

13. A iniciativa da nova Cruzada – a quinta segundo a lista tradicional – deve-se ao sucesso da grande vitória dos reis de Castela e Aragão expulsando de suas terras os

adversários muçulmanos do sul da Espanha, com exceção da parte extrema que iria se constituir no reino de Granada.

14. Diante do clima de exaltação e de euforia, criado por este sucesso, o Papa, sem dúvida, teve a impressão que era o momento de dar o golpe mortal e decisivo. Tomou, então, todas as providências para que o empreendimento fosse bem sucedido: organização de uma Cruzada para reconquistar Jerusalém tomada dos cristãos por Saladino em 1187; restrições legais atingindo os muçulmanos e judeus vivendo em terra cristã para melhor distingui-los dos fiéis e colocar estes últimos ao abrigo de sua influência; estrita limitação de relacionamentos, a começar pelo campo sexual, com os “blasfemadores de Cristo”, etc. Parte desse programa foi implementada por ocasião do Concílio do Latrão IV, em particular por meio do cânon *Ad liberandum* que previa uma mobilização de três anos, acompanhada de uma trégua de Deus colocando fim às guerras no interior da cristandade, tudo para preparar a nova Cruzada e que ela tivesse êxito. A Igreja convocou todos os cristãos em idade de portar armas a participarem da Cruzada em razão da fidelidade que deviam ao Cristo humilhado e ultrajado pela perda da Terra Santa. Depois da morte de Inocêncio III este projeto foi retomado por seu sucessor Honório III (1216-1227) e uma frota transportando alguns milhares de cruzados deixou a Itália rumo ao Egito, na primavera de 1218. A finalidade prevista para a expedição era tomada de Damietta, principal porto de escoamento econômico do Egito no Mediterrâneo. As tropas desembarcaram na cidade a 29 de maio, quando o sultão “ayyûbide” Al-Malik Al-Kamil (o rei perfeito), sobrinho de Saladino, acabava de suceder seu pai Al-Adil. A tomada da cidade, feita sem as previsões e medidas necessárias, não se concluía. Os combates se arrastavam. O novo Sultão, por sua vez, inexperiente, não soube aproveitar a falta de habilidade dos Cruzados. Os participantes da Cruzada ignoravam tudo a respeito do país e viviam se desgastando em vãs querelas, de modo particular depois da chegada de um legado pontifício, o cardeal espanhol Pelágio que interferia em tudo, semeando a cizânia no campo cristão.

15. É nesse contexto que se situa a chegada de Francisco de Assis em Damietta, ao longo do verão de 1219. Sua presença nesse lugar, durante vários meses e sua tentativa de converter o Sultão à fé cristã são fatos solidamente atestados. Todos os hagiógrafos, desde Tomás de Celano que escreveu sua Vida em 1228-1229, pouco depois de sua morte, até Boaventura de Bagnoregio, autor, no começo dos anos 1260, da Legenda Maior, o atestam. Há também outros testemunhos exteriores à Ordem franciscana: o mais antigo é do prelado francês Tiago de Vitry, bispo de São João d’Acre, desde 1216 e que participou da Cruzada e menciona a presença de Francisco em Damietta, em dois de seus escritos: uma carta que endereçou do Egito, em 1220, a Honório III e uma passagem de sua História ocidental, redigida em Acre, na qual demoradamente escreve sobre os primórdios dos Frades Menores. Mencionemos ainda, duas crônicas de origem leiga que, redigidas na Terra Santa pouco depois dos acontecimentos, aportam complementos importantes: crônica de Ernoul, escudeiro de Belian II de Ibelin, que deixou um relato em francês da terceira à quinta Cruzada e continuando a crônica latina

de Guilherme de Tyr. Este texto nos chegou com o trabalho e resumo de Bernardo, o Tesoureiro ( 1227-1229); um pouco mais tarde, em torno de 1229-1231, o autor anônimo da Legenda de Heráclio fornece informações preciosas sobre o encontro de Francisco com o Sultão. Atribui o fracasso final da quinta Cruzada aos pecados do cruzados. O testemunho desses cronistas, que pertenciam ao círculo de João de Brienne, rei de Jerusalém, presente em Damietta, em 1219, é extremamente precioso já que estavam muito bem informados em questões relativas ao além mar e às Cruzadas e que consideraram o gesto de Francisco uma loucura, porque a seus olhos não era possível acordo entre a Cristandade e o Islã. Por isso tudo, mesmo havendo contradições entre os documentos não se pode negar que Francisco lá esteve.

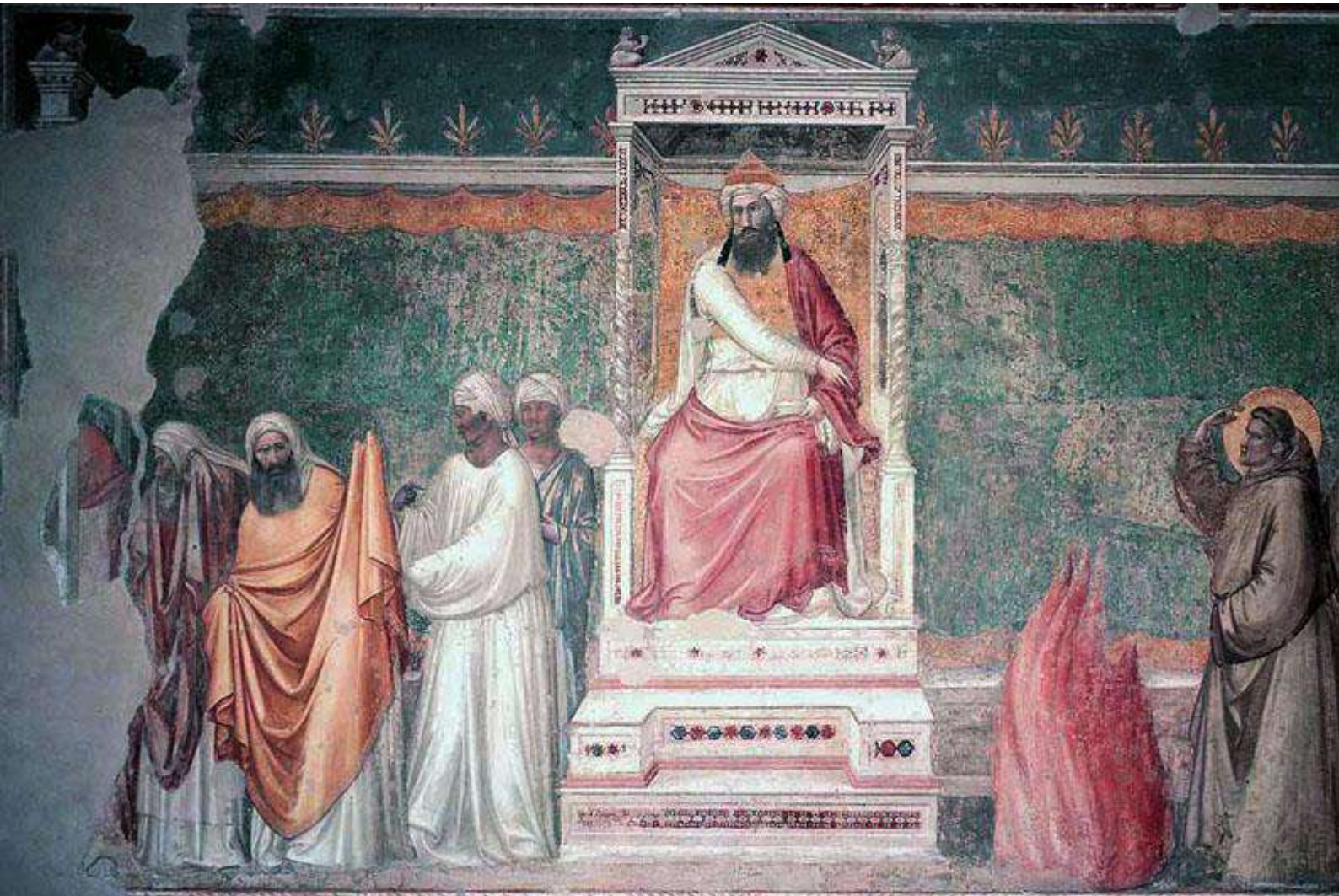
16. Quais os objetivos de Francisco quando desembarcou em Damietta e o que fez ele durante os meses em que passou diante da cidade sitiada entre julho-agosto e novembro de 1219? Certamente nunca passou por sua cabeça associar-se à Cruzada na qualidade de combatente. Seu estado de vida de religioso o impedia de pegar em armas e nada estava tão longe de seu estilo de vida, avesso a toda forma de violência, nem como capelão militar. Pode-se dizer que naquele contexto ele via uma ocasião de colocar à prova o ideal evangélico dos Frades Menores. De fato, Tiago de Vitry lamenta amargamente, em sua carta de 1220 ao Papa que vários membros de seu relacionamento, tanto clérigos como leigos, fascinados pela personalidade e exemplo de Francisco, o abandonaram durante o cerco de Damietta para seguir o *Poverello* e entrar em sua Ordem. Logo que chegou, Francisco se deu conta que a situação estava bloqueada no plano militar e que as armas não levariam a nada. O cerco da cidade já durava mais de um ano sem grandes resultados e uma ofensiva lançada pelos cruzados em 29 de agosto de 1219 contra as tropas do Sultão redundaram num fracasso sanguinolento. Foi neste momento que Francisco, aproveitando-se de uma trégua deixou o acampamento cristão e foi para o campo adversário com um único companheiro, Frei Iluminado de Rieti depois de ter comunicado ao legado Pelágio que lhe recusou todo salvo-conduto e não deixou de manifestar a desaprovação pelo que estava pretendendo fazer.

17. Francisco teria gritado: “Sudam, sudam” (sultão, sultão) ao aproximar-se das fileiras dos inimigos. Foi preso pelos soldados egípcios que o conduziram a seu mestre. Nenhuma das fontes da época afirma que tenha sido objeto de violências. Na realidade o fato em si não tem nada tão incrível porque este cristão por ser alguém que estivesse renegando sua fé e quisesse mudar de campo de batalha ou de religião, ou um emissário dos cruzados encarregado de uma mensagem diplomáticas.

### **CONVERSA FRATERNA**

1. Vimos narrada no texto a realização do sonho de Francisco, de ir por entre os infiéis. Percebemos que muitos, entre clérigos e leigos, fascinados pelo exemplo de Francisco, deixavam as concentrações para segui-lo. E nós, sentimos fascinação por esse jeito corajoso de São Francisco, em buscar com toda a coragem o encontro com o diferente?

# O que as fontes falam desse encontro? – III



*Estamos sempre na companhia de André Vauchez, notável historiador da Idade Média e de seu relato histórico abordando o encontro de São Francisco com o Sultão do Egito (1219).*

18. A respeito deste famoso encontro, registrado por muitos cronistas e hagiógrafos, e imortalizado por Giotto no ciclo de afrescos que pintou em torno de 1300 na Basílica superior de Assis (*imagem no alto*), há ao menos duas tradições: para os cronistas exteriores à Ordem franciscana, Francisco teria procurado – na realidade em vão – converter o sultão e seu povo. Tiago de Vitry, testemunha do acontecimento, assim escreve em sua carta de 1220 ao Papa: “Ardente de zelo pela fé cristã, (Francisco) não

teve medo em atravessar o campo do inimigo, e depois de ter pregado por uns dias a Palavra de Deus aos sarracenos, não conseguiu grandes resultados (*modicum profecit*).

19. Retomando o tema em sua *Historia occidentalis* em 1226, o referido prelado afirma que a simples presença de Francisco transformara o Sultão do Egito de animal feroz que era no início, em ouvinte dócil, tendo permitido que Francisco lhe dirigisse a palavra por alguns dias. Temendo, no entanto, que ele viesse a converter seus súditos, determinou o sultão que o *Poverello* fosse reconduzido ao campo dos cruzados, pedindo que rezasse a Deus pedindo que ele lhe revelasse a lei e a fé que mais lhe agradavam. Nesse meio tempo acontece o fracasso da Cruzada e Francisco já estava sendo considerado um santo. Em seu relato, Tiago de Vitry engrandece e dramatiza o acontecimento acentuando que o Sultão ficou muito impressionado com as palavras de Francisco e pouco faltou para se converter à fé cristã.

20. Para os autores franciscanos, ao contrário, o *Poverello* teria ido ter com o Sultão ansiando pelo martírio. Desta maneira, na Vita prima de Tomás de Celano o fim trágico do martírio seria prefigurado pelos maus-tratos infligidos pelos soldados do Sultão que o haviam prendido. Al-Kamil tê-lo-ia tratado com amabilidade e teria ouvido o Santo defender o cristianismo contra os doutores da lei muçulmana que estavam à sua volta. Depois da disputa oratória, o Sultão quis agradar a Francisco oferecendo-lhe presentes que ele recusou dizendo “desprezá-los como esterco”, o que teria causado admiração ao soberano. Não querendo empalidecer a imagem de seu herói pela evocação de um fracasso, o hagiógrafo conclui sua elaboração justificando que a recusa de Deus de lhe dar o martírio tinha uma explicação: uma graça singular estava reservada para ele no alto do Alverne com a impressão do estigmas de Cristo em seu corpo. Na *Legenda Maior* (IX, 8), Boaventura afirma ter obtido um relato de Frei Iluminado de Rieti, único companheiro de Francisco que estava com ele na ocasião: depois de terem sido maltratados pelos soldados que o haviam prendido, os dois foram levados à presença do Sultão que os acolheu com benevolência e que questionou a respeito do motivo daquela visita. Francisco respondera “que tinha sido enviado de além dos mares, não por qualquer homem mas pelo Deus Altíssimo; que vinha indicar-lhe e a seu povo, o caminho da salvação e anunciar-lhe o Evangelho da verdade. Depois pregou ao Sultão os mistérios da Trindade e da Redenção”.

21. Dando-se conta que o Sultão hesitava em se converter, propôs que se submetesse ao julgamento de Deus propondo-lhe uma “ordália” (um desafio): os sacerdotes muçulmanos e entrariam no fogo e ver-se-ia, concluída a prova, qual seria a religião superior. Os “clérigos” muçulmanos rejeitaram a prova por considerarem-na uma loucura. Francisco propôs ao Sultão de enfrentar a prova sozinho. Este último recusou. Ficou no espírito do Sultão admiração por Francisco e até mesmo um certo desejo de se converter ao cristianismo. Não o fez temendo reação por parte de seu povo. Ofereceu então, presentes a Francisco que ele não aceitou retornando ao acampamento dos

crístãos porque não via em Al-Kamil sinal algum de autêntica piedade. Tal versão dos fatos foi imortalizada por Dante em alguns versos famosos da *Divina Comédia*: “*Para lá se dirigiu, com sede pelo martírio, para pregar Cristo e seus apóstolos na presença do orgulhoso Sultão. Encontrando, contudo, um povo difícil de se converter e não querendo ficar inativo, foi recolher alguns frutos no solo da Itália*”

22. Embora à primeira vista nenhum episódio relatado nas Vidas possa parecer mais legendário no mal sentido do termo, o encontro do Pobre de Assis com o Sultão do Egito é, sem dúvida, um dos mais bem atestados do ponto de vista histórico, mesmo que seu significado mais preciso nos escape. Talvez seu significado devesse ser explicado por aquele momento dos acontecimentos: momento em que cada campo procurava contemporizar as coisas já que de lado a lado não havia perspectiva de vitória. É sabido que Al-Malik Al-Kamil era pessoa tolerante e aberta em matéria de religião. Um clérigo alemão e futuro cardeal, Olivier de Paderborn (+1227), feito prisioneiro pelos muçulmanos, no momento da derrota final dos cruzados em agosto de 1221, fez, numa carta que dirigiu ao Sultão depois de sua libertação, um vibrante elogio por sua magnanimidade e bondade. O Sultão do Egito mostrara a esse visitante cristão inesperado que a hospitalidade muçulmana não era uma questão de palavras. Não se deve estranhar que o Sultão tenha colocado o visitante sob sua proteção.

23. O comportamento de Francisco, segundo a descrição de Boaventura, surpreende, antes de tudo, pela proposta da aposta-desafio (*ordália*) aos clérigos muçulmanos, procedimento estranho da parte de um homem evangélico. Não podemos, no entanto, esquecer que Francisco era alguém que se alimentava de referências bíblicas e que algumas delas exerceram influência sobre seu modo de agir, como é o caso da passagem do livro dos Reis (1Rs 18,20-48). Lá vemos Elias confrontando-se com os sacerdotes de Baal para provar ao rei Acab a superioridade do Deus de Israel sobre Baal de quem Jezabel defendia o culto: apesar de todo empenho dos sacerdotes não conseguiram com que o fogo queimasse o sacrifício que estavam oferecendo, enquanto que o de Elias foi imediatamente consumido pelas labaredas, razão pela qual os sacerdotes de Baal foram degolados pela multidão que veio a se converter ao Deus de Israel.

24. Se Francisco não conhecia este texto certamente não podia ignorar o cântico dos três jovens na fornalha ardente (Dn 3, 1-30) ou a história de Daniel na cova dos leões (Dn 6, 1-30) tantas vezes mencionada na liturgia, relatos de mártires que tiveram como desfecho a confusão dos perseguidores e o reconhecimento do verdadeiro Deus por parte de Nabucodonosor.

25. De outro lado, nos movimentos religiosos populares que floresceram na Itália nos séculos XI e XII dos quais Francisco fora herdeiro e continuador o recurso à prova de fogo era conhecido. Basta lembrar um certo Pedro, qualificado de “Igneo”, quer dizer, homem de fogo, um eremita toscano que, em meados do século XI, atravessou nu um



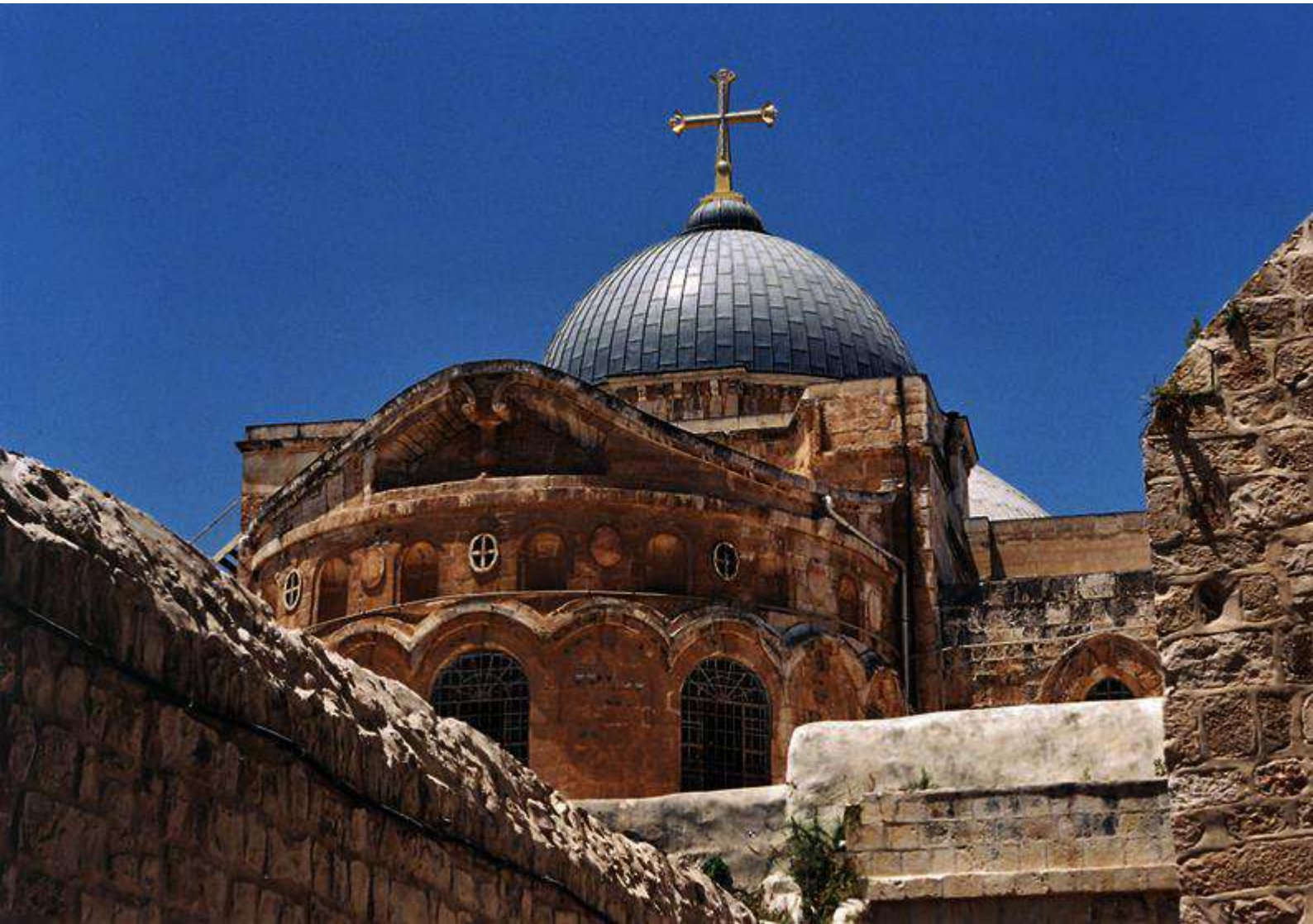
braseiro para convencer os padres simoníacos de se juntarem aos partidários da reforma da Igreja o que foram obrigados a fazer depois da prova em questão.

26. Dispomos, por fim do testemunho de um autor árabe do século XV, Ibn al-Zayyat, que evoca um epitáfio colocado sobre o túmulo do grande místico Fakhr al-Din, conselheiro espiritual de Al-Kamil, que se podia ver no cemitério do Cairo que dizia: “Este tem virtude conhecida de todos. Sua célebre aventura com Al-Malik Al-Kâmil e o que lhe aconteceu devido a um monge, tudo é muito conhecido” Segundo Louis Massignon, que por primeiro sentiu sua atenção atraída por um tal texto, o monge cristão ( rahib) não seria outro senão Francisco de Assis e parecendo correto identificar Fakhr al-Din, que morreu nonagenário, ao sábio que, segundo o relato de São Boaventura, teria tomado distância no momento em que Francisco propusera a prova do fogo, sem dúvida, menos por medo, mas pelo fato de reprovar procedimento tão bárbaro em matéria de religião.

### **CONVERSA FRATERNA**

1. O Sultão, após ter escutado bondosamente a pregação de Francisco, quis oferecer-lhe alguns presentes. São Francisco recusou, dizendo desprezar os bens como um esterco. São Francisco estava concentrado em cumprir sua atividade missionária: Anunciar o Amor de Deus. Não deixou-se comprar ou desviar-se de seu propósito. E nós, conseguimos nos manter em nossa missão, ou nos perdemos rapidamente pelo meio do caminho? Conseguimos transmitir nossa mensagem, falar o que deve ser falado, por mais que nos ofereçam coisas para calar a nossa boca e impedir nossa ação profética?

# Teria Francisco realmente buscado o martírio? - IV



*Continuamos na companhia do texto de André Vauchez em seu relato histórico sobre o encontro de Francisco com o Sultão.*

27. As Fontes Franciscanas parecem afirmar que Francisco estava buscando o martírio. Hoje, no entanto, há os que não têm tanta certeza assim. Pensam que, com isso, poder-se-ia estar prestando ao herói uma atitude suicida ou atribuindo-lhe comportamento irresponsável. Pode-se dizer que o martírio estava, efetivamente, nas perspectivas de Francisco pelo que se pode saber de sua mentalidade e de sua cultura. A maior parte dos santos dos quais se ouvia falar e cujas imagens podiam ser vistas nas igrejas da Úmbria não eram de mártires a começar por São Rufino, o primeiro bispo de Assis, cujas relíquias tinham sido objeto de transladação solene na catedral da cidade de Francisco?

Além disto, sua vocação e a de sua Ordem não tinha sido alimentada pelo desejo de seguir o exemplo dos apóstolos que deram a vida em testemunho da fé? Contrariamente ao que se costuma por vezes afirmar, a busca do martírio por parte de Francisco não estava em contradição com seu desejo de seguir precisamente a Cristo que morre na cruz para abrir o caminho da salvação para a humanidade. Enfrentar tribulações e perigos, inclusive a perda da vida, para propagar a fé cristã constituiu desde as origens um elemento que marcou a sensibilidade franciscana; Jordão de Jano afirma que “quando se recrutavam voluntários que fossem para a Alemanha por ocasião do Capítulo Geral de 1221 “levantaram-se cerca de 90 frades abrasados pelo desejo do martírio, e até mesmo ele, pensando que iriam encontrar o martírio” (*Jordão de Jano*, 11-18).

28. Sabemos que Clara de Assis, em tantos aspectos tão próxima de Francisco, lamentava que sua condição de reclusa a impedia de se fazer martirizar no Marrocos quando teve notícia do fim trágico dos cinco franciscanos que tinham sido executados em Marrakesh em 1220.

29. Chegando ao Egito, Francisco, muito provavelmente, partilhava dos preconceitos dos cristãos de seu tempo a respeito do Islã. Sem dúvida pouco conhecia a respeito do muçulmanos a não ser pelas letras da canções de gesta em que eram apresentados como idólatras, adorando estátuas de Maomé e de um deus misterioso chamado Tervagant, homens luxuriosos e fanáticos. Não há nenhuma possibilidade que Francisco tenha tido acesso à tradução do Corão em latim que havia sido feita na Espanha por volta de 1140, por ordem do abade de Cluny, Pedro o Venerável, desejo de refutar os erros dos “filhos de Agar”. Este texto só se tornou conhecido por bem poucos manuscritos e não deve ter sido conhecido na Itália.

30. Resolvendo encontrar-se com o Sultão, Francisco estava sinceramente convencido que seria martirizado devido à sua fé. Aceitava correr esse risco. Não se tratava de um perigo imaginário. Entre os Frades Menores que ele enviara em missão por ocasião do Capítulo Geral de Pentecostes de 1219, até antes de sua partida para o Egito, cinco foram para o meio dos muçulmanos na Espanha e chegaram efetivamente a seu destino. Dirigindo-se a Sevilha começaram a pregar contra Maomé. Depois de terem sido presos e encarcerados foram enviados a Marrakesh onde Dom Pedro, irmão do rei de Portugal, que comandava um exército de mercenários a serviço do sultão Abu Ya'qub Yusuf al-Mustansir (1213-1224) os libertou. Não levando em consideração os conselhos que lhes davam seus protetores cristãos recomeçaram a pregar em público em Marrakesh, o que fez com que sultão os banisse da cidade. Depois de pouco tempo voltaram, o que lhes valeu serem novamente encarcerados. Uma vez libertados começaram a atacar publicamente o credo do Islã, o que lhes resultou na decapitação em 16 de janeiro de 1229. Alguns meses depois seus restos mortais foram levados para Portugal, onde foram ocasião de muitos milagres. Vendo-os passar na abadia de Santa Cruz de Coimbra – o jovem cônego Antônio – o futuro Santo Antônio de Pádua – tomou a decisão de entrar na Ordem Franciscana. Diferentemente dos frades executados no Marrocos, parece muito pouco provável que Francisco pessoalmente tenha atacado Maomé diante dos

muçulmanos presentes. Se tivesse feito não teria podido falar durante um período de tempo bastante longo sem ter sido interrompido e mesmo castigado.

31. O Sultão parece ter se sensibilizado já que o deixou falar. O encontro dos dois homens resultou em que colocassem em comum as ideias que um se fazia do outro e de sua religião. Al-Kamil logo se deu conta que tal personagem desarmado e vestido de maneira tão curiosa não era um cruzado, mas um homem de Deus e Francisco não encontrou no Sultão o perseguidor que esperava. Tudo se passou mesmo de uma maneira desconcertante para os dois protagonistas, o que constituiu a razão pela qual esse face a face se revestiu de importância histórica e não cessou de fascinar os espíritos ao longo dos séculos.

32. É vão querer saber o que se passou realmente entre Francisco e o Sultão nesse dia de setembro de 1219. O simples fato de que tenha acontecido um tal encontro por si já constitui uma novidade, ao menos para o Ocidente. Controvérsias religiosas públicas na presença de um soberano costumavam acontecer no Oriente: Al-Kamil presidiu uma no Egito da qual participaram do lado cristãos, os patriarcas copta e o dos melquitas. Resta saber – o que é o mais difícil – que assuntos ocuparam o tempo do encontro. Testemunhas diretas e próximas do evento mencionam todas uma “pregação da palavra de Deus” da parte de Francisco que consistiu em exposição dos princípios da fé cristã e num apelo à conversão. Tal “discurso” teria suscitado no Sultão uma reação de estima para com o pregador, do qual apreciou a coragem e suas convicções. As fontes decorrentes do ambiente de Jean de Brienne falam mais de uma confrontação, de um debate contraditório entre Francisco e os doutores da lei islâmica, o que parece estranho já que Francisco não dominava a linguagem nem os argumentos dos teólogos. Boaventura, por sua vez, introduziu o relato do repto tal como havia relatado Frei Iluminado, dizendo assim que era necessária uma intervenção sobrenatural para aceder à fé. Estamos no campo das hipóteses. Devemos confessar que não há razão sólida para optar por uma ou outra visão.

33. Não se pode deixar de observar, no entanto, segundo a crônica de Ernoul, próxima do acontecimento e bem informada, Francisco teria declarado ao cardeal Pelágio que queria dirigir-se aos Sarracenos desde que isto pudesse resultar num grande bem. Que “grande bem” poderia justificar uma iniciativa de tanto risco? A conversão do Sultão e de sua “entourage” ao cristianismo como no tempo dos reinos bárbaros da Alta Idade Média? Francisco não era tão ingênuo ou presunçoso para pensar que iria imediatamente conseguir este objetivo. Durante essa entrevista deve ter sido abordado o tema da guerra e da paz como dá a entender um texto de origem franciscana, infelizmente não datado, intitulado *Palavras de Frei Iluminado*, segundo o qual Francisco teria declarado ao sultão:

*É justo que os cristãos invadam a terra em que habitais,  
porque blasfemaste o nome de Cristo  
e afastastes de seu culto todos os que pudestes fazê-lo.*

*Se quereis, no entanto, reconhecer a Cristo,  
confessar e adorar o Criador e Redentor,  
se assim os cristãos haveriam de amar-vos com se amam a eles mesmos.*

34. Pode-se supor que Francisco tenha sugerido ao Sultão que concedendo aos cristãos o livre acesso a Jerusalém e não haveria mais da parte deles empreendimentos belicosos (ou seja, conquistar a cidade *manu militari*). A Cruzada perderia assim uma de suas motivações fundamentais: a reivindicação do direito para os fiéis de Cristo de se dirigirem pacificamente, sem taxas aos lugares santos da Palestina. Pode-se encontrar um eco disto na proposta que o Sultão faria aos cruzados algumas semanas mais tarde, quando estes últimos tinham tomado Damietta, de restituir-lhes Jerusalém em troca da evacuação rápida do Egito. Esse compromisso que teria o apoio de Jean de Brienne e da maior parte dos barões francos, foi rejeitado pelo cardeal Pelágio que era de parecer de continuar a luta à exaustão contra o Islã e até o momento da capitulação pela derrota de Mansourah, 30 de agosto de 1221. A ideia foi retomada por Al-Kamil e o imperador Frederico II por ocasião das negociações que haveriam de terminar, em 1229, com o tratado de Jafa. Por meio dele, Jerusalém – com exceção da esplanada das Mesquitas-Belém e Nazaré, bem como um corredor de acesso ao mar foram restituídos aos cristãos, o que possibilitou a Frederico II ser coroado rei de Jerusalém na Igreja do Santo Sepulcro sem se ter que verter uma gota de sangue. O imperador excomungado teria realizado o sonho de Francisco, ou em todo caso realizado uma das solicitações que o *Poverello* havia dirigido a Al-Kamil dez anos antes. Não parece absurdo ao menos levantar a hipótese.

### **CONVERSA FRATERNA**

1. Parece que o Sultão acolheu bondosamente em sua presença o Pobre de Assis. Ele não parecia ser um cruzado, pois não estava armado. Era de fato um homem de Deus. Nesta conversa, desarmados, cada um expôs de sua religião. E conversam pacificamente. Nós sabemos conversar com os irmãos e irmãs de outras religiões de modo “desarmado”, sem ofender, sem atacar, sem ferir? Sabemos conversar de modo a conhecer e respeitar a religião do outro, ao invés de considerar com perfeita a penas a nossa religião? Para nós, São Francisco é modelo de diálogo e respeito.

# O que Francisco realmente pensava da Cruzada? – V



Estamos sempre sendo conduzidos por André Vauchez, grande historiador medievalista, para compreender o alcance da visita de Francisco ao Sultão.

35. O modo de Francisco ver o Sultão, pelo que se percebe das fontes contemporâneas, é um convite a que reconsideremos o seu modo de ver a Cruzada. Nesses últimos anos, muitas vezes mostrou-se a oposição que existia entre a atitude violenta e intransigente do Papado que, com Inocêncio III e seus sucessores, via o Islã, antes de tudo, uma ameaça para a cristandade – e não havia outro objetivo senão o de quebrar seu poderio

pelo recurso à Cruzada – e a postura do Pobre de Assis, partidário da missão e do diálogo pacífico com os muçulmanos.

36. Esta tese se fundamenta, de modo particular, na “Vida segunda” de Celano, onde Francisco se esforça por dissuadir os cristãos do ataque contra Damietta que aconteceu em 29 de agosto de 1219 e que se constituiu num sangrento fracasso. No relato do hagiógrafo, este exemplo visava, antes de tudo, ilustrar o espírito de profecia do santo que havia previsto a derrota se partissem para o ataque naquele dia e nada mais do que isso. Seria incongruente ver aí uma oposição de princípio de sua parte quanto ao uso das armas contra os infiéis. “Foi tal o desastre, que o exército perdeu seis mil homens, entre mortos e prisioneiros. Confrangeu-se o santo com tão triste sorte, e eles não menos arrependidos de não o terem ouvido. Lamentava, sobretudo, os espanhóis que poucos haviam escapado, por terem se dado à luta com maior denodo”.(2Cel 30). Francisco não era, a priori, um adversário da Cruzada não fosse ao menos pelo fato de que ela era uma iniciativa da Igreja, promovida pelo Papado ao qual os Frades Menores se sentiam intimamente unidos desde sua origem. Não podemos esquecer que ele não hesitava em exaltar diante de seus companheiros a lembrança mítica do “imperador Carlos, Rolando e Olivério, santos mártires que morreram combatendo pela fé” (Legenda Perusina 72).

37. Não se há de esquecer por fim que, no espírito dos cristãos daquele tempo, a Cruzada não era como se imagina muitas vezes em nossos dias – uma guerra de religião ou algo como uma expedição “colonialista”, mas antes de tudo uma peregrinação armada cuja finalidade era a defesa ou reconquista dos lugares santos, um novo êxodo do Povo de Deus em marcha rumo à Terra prometida e à cidade santa de Jerusalém, onde deveria acontecer a conversão dos infiéis e a reconciliação com gênero humano na aproximação do reino de paz do Messias. Francisco não recusava a Cruzada. Foi descobrindo seu sentido profundo que era uma busca de fraternidade entre os cristãos do ocidente e do oriente, na qual muçulmanos e judeus poderiam encontrar seu lugar. O judaísmo e mesmo o Islã aparecem aos clérigos do começo do século XIII não tanto como religiões concorrentes, com revelações imperfeitas e específicas, mas etapas rumo à religião universal que era o cristianismo. Longe de tentarem simplesmente combater os “infiéis”, procuravam antes convertê-los para o que, segundo eles era verdadeira fé, como atestam muitas bulas pontifícias do começo do século XIII, onde pela primeira vez aparece uma orientação que aponta para um proselitismo que converte. Esse mesmo tom encontramos na carta dirigida a Al-Kamil por Olivier de Paderborn, depois do fracasso da Cruzada, onde este clérigo alemão acentua os pontos do acordo que existia entre o Islã e o cristianismo e pede ao Sultão que ao menos conceda o livre acesso dos peregrinos cristãos a Jerusalém. Nesta perspectiva, a Cruzada era, antes de tudo, um meio de obrigar o Islã a ouvir a mensagem dos cristãos em lugar de eliminar imediatamente os que contestavam seus fundamentos.

38. A pregação missionária de Francisco não se apresenta como uma alternativa à empreitada militar lançada pela Papado contra o Islã, mas se desenvolve em lógica paralela. Indiscutivelmente, o fundador dos Menores pertence à coalisão dos cruzados

e participa do grupo em nível emocional dos sucessos e insucessos do exército cristão. Mas sem nenhum angelismo, ele parece ter procurado compensar, por seu testemunho pessoal, a imagem negativa do cristianismo que o recurso à violência podia dar aos muçulmanos. A um relacionamento de força que podia ser inevitável a um dado momento em caso limite procurou substituir um testemunho de fraqueza e de submissão – quem sabe levado, talvez, até o martírio – que se dirigia tanto aos pagãos quanto aos cristãos convidando que voltassem para o Deus todo poderoso que era reivindicação dos dois campos que se hostilizavam. A seu modo de ver não havia contradição entre a busca do martírio e o desejo de converter os infiéis, como entre Cruzada e missão. Como bem se deu conta G. K. Chesterton, o Pobre de Assis “abordou a questão de maneira muito pessoal e peculiar, mas era essa a maneira com que ele lidava com quase tudo. Era de certo modo uma ideia simples, assim como a maioria de suas ideias eram simples. Mas não era um ideia tola; havia muita coisa a dizer a favor dela e ela podia ter dado certo. Era simplesmente a ideia de que era melhor ser cristãos do que destruir muçulmanos”.

39. Parece ter se produzido uma evolução em Francisco depois de seu encontro com o Sultão Al-Kamil. Damietta fora finalmente tomada pelos cruzados a 5 de novembro de 1219. Uma conquista tão esperada foi acompanhada de massacres e atos de extrema violência. Dando crédito ao autor do Heraclito, que foi testemunha dos fatos, Francisco “viu o mal e o pecado que começavam a crescer entre as pessoas das tropas, o que lhe desagradou. Partiu e foi diretamente para a Síria antes voltar para seu país”.

40. Profundamente contrariado com o comportamento de seus correligionários, distante daquilo que deveria ser a seus olhos o comportamento de “cavaleiro de Cristo”, ele preferiu tomar distância do que evoluía numa ideia diferente daquilo que considerava a finalidade de Cruzada. É mesmo provável que depois dos acontecimentos não tenha ido a Jerusalém – o Papa havia proibido aos cristãos de propiciar recursos financeiros aos sarracenos já que cobravam taxas dos peregrinos – mas de ter passado algum tempo com os seus confrades no que restava dos Estados latinos. Sem dúvida, esta permanência na Terra Santa e as boas recordações que Francisco havia deixado aos muçulmanos explicam o fato de que os Frades Menores foram, em 1333 – os primeiros, e por longo tempo – os únicos religiosos latinos autorizados pelo Sultão a voltar a Jerusalém e aos quais foi confiada, a pedido do rei de Nápoles, Roberto d’Anjou, a guarda de alguns lugares cristãos e que conservam até nossos dias.

### **CONVERSA FRATERNA**

1. Em Francisco, os franciscanos e franciscanas são herdeiros da cultura do diálogo com as outras religiões. Em Francisco, por força do carisma, nós temos livre acesso aos diversos grupos religiosos. Será que aproveitamos esse “livre acesso” para construir pontes entre as demais religiões? Em nossa fraternidade, somos continuadores dessa herança que herdamos do Santo de Assis? Como?



# O diálogo, um elemento essencial da Espiritualidade Franciscana na Inter-Religiosidade



Imagem: Cena do filme "O Sultão e o Santo", 2016

*Frei Vitorio Mazzuco, OFM*

*“De toda parte chega o segredo de Deus” (Rumi)*

## **INTRODUÇÃO**

Um dos paradigmas modernos mais evidentes hoje é este: há muito mais verdades no conjunto das religiões, quando elas dialogam entre si, do que no dogma isolado de cada uma delas. Os caminhos que levam a Deus são pontuados pela riqueza da pluralidade e da aproximação para a compreensão desta realidade. São Francisco de Assis, no diálogo com o Sultão, em 1219, inaugura esta possibilidade de um modo real, bem concreto.

Dialogar dentro da pluralidade dos caminhos que nos levam a Deus é um desafio. Não é mais possível pensar que uma única tradição religiosa seja capaz de dispor sozinha da verdade única sobre Deus. Religião é apenas um fragmento da busca insaciável do Mistério de Deus, mas cada religião é portadora de uma singularidade muito específica.

Não há como não reconhecer a importância do diálogo religioso no tempo atual, mas isto não é muito tranquilo. As tradições religiosas, sobretudo os segmentos cristãos, têm dificuldades em reconhecer a sua positividade e criam resistência e desconforto em suas identidades já instauradas, porque se entendem únicas e exclusivas.

O diálogo religioso não deve ser abordado como algo negativo ou problemático, mas sim como expressão da vontade de Deus que necessita da diversidade das culturas e religiões para melhor manifestar as riquezas da Sua verdade. Deus não está na monotonia das uniformidades, Ele mesmo não se repete. A beleza da unidade das diferenças de suas obras maravilhosas nos circundam, e o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis é a prova mais contundente desta verdade.



## 1. O DIÁLOGO PLURAL RELIGIOSO COMO ARGUMENTO

O que é diálogo? São muitas as compreensões, mas podemos dizer, a partir da aproximação fraterna franciscana que dialogar é, através da presença e da palavra, da comunicação, da fala e do silêncio, através de uma grande capacidade de escuta, entrar no mundo da diversidade de ideias, num intercâmbio de compreensão.

O jeito franciscano, que sempre tem um modo acolhedor de ser, recupera uma fala e uma escuta por assim dizer terapêuticas, que fazem muito bem, e permitem atravessar os medos, preconceitos e incertezas. Dialogar é saber encontrar-se com a alteridade. O falar e o ouvir têm muito a ver com a dimensão fraterna.

Francisco de Assis nos ensina que Deus é tão rico e expressivo e tão acima de determinações para poder ser esgotado na sua plenitude por determinada tradição de experiência religiosa, que, por ser determinada já é por si muito limitada. Voltemos à

ideia expressa na introdução desta reflexão: Há mais verdade religiosa em todas as religiões no seu conjunto do que numa única religião; o que também vale para o cristianismo. Existem, pois, aspectos verdadeiros, bons, belos e surpreendentes, nas múltiplas formas presentes na humanidade de compromisso e entendimento com Deus. A humanidade e a criação estão sempre envolvidas e abraçadas pelo mistério sempre maior. Não há como fugir do impacto desta presença espiritual e sua dinâmica de universalidade. Há uma imensa variedade das automanifestações de Deus na história. As teofanias sucedem-se e modificam-se constantemente.

Aqueles que não conseguem perceber a presença de Deus e o alcance universal do Mistério sempre maior, são incapazes também de reconhecer a verdade salvífica de outras tradições religiosas.

O franciscanismo, através de seu Fundador, sempre acentuou a verdade segundo a qual Deus se manifesta em todas as coisas. As coisas não são Deus, mesmo que isto seja expresso pelo panteísmo, mas Ele está em todas as coisas, como afirma o panteísmo franciscano. Tudo não é Deus; mas Deus está em tudo e tudo está em Deus, por causa da criação, pela qual Deus deixa sua marca registrada e garante sua presença permanente na criatura como um Deus providente e criador, e esta compreensão está em todas as religiões. A criatura sempre depende de Deus e o carrega dentro de si. Deus e mundo são diferentes; um não é o outro, mas não estão separados ou fechados. Estão abertos um ao outro. Encontram-se mutuamente implicados. Se são diferentes é para poderem se comunicar e estarem unidos pela comunhão e mútua presença num diálogo de identidades.



## **2. MANIFESTAÇÕES DESTE DIÁLOGO**

A modernidade é plural e isto provoca crise nas estruturas fechadas que são chamadas a dialogar com sistemas abertos de conhecimento. A velocidade da mídia que gerou uma comunicação mais ampla e aproximou povos e culturas, trouxe uma consciência mais viva da pluralidade das religiões e da necessidade de dialogarem entre si. Isto gerou uma proximidade inédita do cristianismo com as outras religiões, uma nova consciência e sensibilidade em face dos valores espirituais e humanos de outras tradições. Crescem os cursos de teologia e ciência das religiões e isto dá uma avaliação mais correta e precisa de todas as tradições. Surgem as práticas celebrativas que dialogam e repartem ritos e cultura numa compreensão inter-religiosa.

## **3. ATUAÇÃO DO DIALOGO RELIGIOSOS**

O conceito de religião vai se ampliando como experiência religiosa, e esta experiência religiosa só tem sentido se for para contribuir para uma vida mais digna para a humanidade; para ajudar numa convivência humana mais solidária e levar à uma formação inter-disciplinar mais profunda. A experiência religiosa tem que ajudar em alguns aspectos urgentes no mundo em que vivemos, como por exemplo:

Diante de certo vazio existencial: olhar a vida e colocar mais forte a Palavra presente nos Textos Sagrados e a Espiritualidade como parâmetros de valores.

Para o mundo cristão, o Evangelho ainda é a Boa Nova, continua a ser notícia, bela e nova como a graça do Amor, e que pode transformar quem o acolhe e recebe.

Diante do grito dos oprimidos e injustiçados deste mundo, aumentar a sensibilidade para com os que sofrem e são excluídos dos megaprocessos.

Diante de um consumismo exagerado que se alastra, precisamos de discernimento espiritual para uma moderação e equilíbrio, educando a humanidade numa correta visão e uso digno das coisas.

Lutar contra os falsos deuses da mídia, da política, do mercado e do consumo.

Diante das necessidades materiais e da fome, precisamos de presença de partilha. O progresso tem que vir acompanhado de um desenvolvimento social justo e solidário.

Diante de possíveis conflitos, temos que ser pessoas de paz, de diálogo, dispostos a ir ao encontro das soluções.

Diante da depredação da natureza, que alcança hoje níveis preocupantes, temos que fazer a nossa parte pela integridade da criação.

Diante da mentalidade individualista e narcisista, que gera clima de permissividade, que separa moral e fé, liberdade e responsabilidade, respeito e corporeidade, compromisso e relações duradouras, sejamos testemunhas de uma

vivência humana com força espiritual incorruptível. Como? Com imperativos éticos, respeito, doação gratuita, compromissos duradouros, justiça, visão integral da pessoa humana.

Diante de uma religião vivida apenas como adesão pessoal, descompromissada, parcial e voltada para o próprio umbigo, utilitarista, adepta de espetáculos e mega shows, com fraco sentido de pertença, sejamos testemunhas de uma grande pertença ao comum. Ter uma silenciosa profundidade pessoal, porém expressiva no social. Amar apaixonadamente a escolha religiosa que se fez para dialogar e valorizar a escolha religiosa dos outros.

Diante da força da escola, formar integralmente a pessoa, ver o quanto a Educação está realmente ajudando a religião ou sendo um nicho de problema para ela. Olhar mais a realidade dos povos. Propor um estilo de vida mais simples e descomplicado. E, na crise política em que nos encontramos, criar com todos os credos possíveis, uma comunidade para refletir Fé e Política de um modo urgente.

Diante dos desníveis sociais, administrar mais as fronteiras de exclusão que nos separam: homem e mulher, clérigo e leigo, rico e pobre, cultura e natureza, alma e corpo, cidadão e migrante, comunidade e sujeito, etnias e preconceitos de gênero. O mundo globalizado só não tem fronteiras para o capital que cria e corrompe o poder. Não podemos viver de um modo discriminatório e prepotente.

## **CONCLUSÃO**

Que a nossa vida, a partir da experiência religiosa franciscana, seja sempre mais rica em ouvir e dialogar com a vivência e a descrição que alguém possa fazer a partir da igreja ou seita a que pertence. Há o visível, mas sabemos que a vida é feita, sobretudo, daquilo que não se vê, que é a parte mais íntima de nossas escolhas: atitudes, sentimentos, afetos, fé, esperança e caridade. Que tudo isto salte para as nossas práticas e relacionamentos!

---

## **BIBLIOGRAFIA**

- Borau, José Luis Vázquez- O Fenómeno Religioso, Paulus, Lisboa, 2008.
- Küng Hans, Religiões do Mundo – Em busca dos pontos comuns – Verus Editora, Campinas, 2004.
- Pearce Joseph Chilton, O fim da Religião e o renascimento da Espiritualidade, Cultrix, São Paulo, 2009.
- Ries, Julien – O Sentido do Sagrado nas culturas e nas religiões, Editora Ideias e Letras, Aparecida São Paulo, 2008.
- Tavares Sinivaldo e Delir Brunelli – Evangelização e Interculturalidade, Vozes, Petrópolis, 2010.
- Teixeira, Faustino - Teologia e Pluralismo Religioso, Nhanduti Editora, São Bernardo do Campo, 2012.

## CONVERSA FRATERNA

1. Para aquecer a conversa fraterna, seria bom assistir ao vídeo que está neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=c4wvfKuz8yc>

2. Diante das provocações feitas por Frei Vitório, a cerca de nossa vivência franciscana no mundo das religiões, podemos nos perguntar: Em nosso ambiente de trabalho conseguimos dialogar com os irmãos e irmãs de outras crenças? Como franciscanos, participamos de projetos comuns entre as religiões, em vista da construção da fraternidade e vida para todos? Tenho vontade/desejo de participar de iniciativas missionária inter-religiosa?

# A coragem da não conformidade, por causa do Evangelho



*Frei Sandro Roberto da Costa, ofm*

## INTRODUÇÃO

Em maio de 1218, mais de 30 mil soldados cristãos desembarcavam diante da “chave do Egito”, a cidade islâmica de Damietta. Um dos objetivos era econômico: Damietta era um importante entreposto comercial, bem mais importante do que a arruinada Jerusalém. Mas os cruzados queriam também atrair a atenção do Sultão e enfraquecer as tropas islâmicas que se ocupavam com a Síria, para poder retomar Jerusalém. Afinal este era, ao menos oficialmente, o objetivo das Cruzadas. Os muçulmanos eram comandados pelo Sultão Al-Malik Al-Kamil, sobrinho do legendário Saladino.

Nesta exposição vamos nos ocupar do contexto histórico, que marcou o encontro de Francisco com o sultão. Na celebração dos 800 anos deste célebre acontecimento, certamente seremos brindados com excelentes reflexões de especialistas na várias áreas do saber, da espiritualidade, do franciscanismo, da eclesiologia, da missão. O conhecimento do contexto histórico, das ideologias e interesses em jogo, pode nos ajudar a entender o quanto o gesto de Francisco foi ousado, revolucionário até, diante da mentalidade dominante de seu tempo.

## 1. A CONVIVÊNCIA POSSÍVEL ENTRE CRISTÃOS E MULÇUMANOS

A relação entre muçulmanos e cristãos que viviam nos seus territórios era muito mais complexa do que podemos imaginar. Nos combates, tropas cristãs e muçulmanas não se diferenciavam pela ferocidade e violência, principalmente nas celebrações das vitórias, em se tratando de destruição, saques, estupros, assassinatos de prisioneiros, mas também de inocentes, crianças, mulheres, idosos. Em tempos de trégua, no entanto, havia uma convivência possível. Aos cristãos era permitida a residência em terras muçulmanas, bem como aos judeus, desde que se respeitassem algumas regras: não fazer proselitismo, não expor símbolos cristãos externos nos edifícios, pagar regularmente uma taxa. Não era muito diferente do modo como os cristãos tratavam os muçulmanos que viviam em seus territórios. A visita aos lugares santos, mesmo em tempos de dominação islâmica, era permitida aos cristãos. Ao longo das oito cruzadas, interesses comerciais e econômicos foram se sobrepondo ao ódio. Cristãos e muçulmanos, nobres e plebeus encontraram meios possíveis de convivência pacífica. A imagem de cristãos sendo duramente perseguidos e torturados por terríveis infiéis, de um sultão sanguinário, a “besta fera”, o inimigo a ser destruído, responsável por todas as mazelas da humanidade, não corresponde totalmente à realidade. Ao contrário, durante as Cruzadas encontramos histórias de mútuo respeito, colaboração e até entreajuda entre as partes adversárias. No desenrolar-se do conflito, Tratados de Paz permitiam o comércio entre as partes em litígio. Em 1215, quando no IV Concílio do Latrão se convocava mais uma Cruzada, três mil mercadores italianos se encontravam no Egito, negociando com os muçulmanos. O Sultão Saladino (1174-1193) passou à história como um dos mais respeitosos líderes islâmicos deste período<sup>01</sup>. Quando soube que o Rei Ricardo Coração de Leão, seu adversário, havia sido ferido, ofereceu-lhe seu médico particular. Como o rei também perdera seu cavalo, Saladino enviou-lhe de presente dois cavalos árabes, além de comida e frutas frescas. O pai de Al-kamil (1218-1238), o Sultão Al-Adil (1200-1218), também manteve boas relações diplomáticas com Ricardo, que chegou a oferecer sua irmã como esposa ao Sultão. Quando tinha onze anos, o futuro Sultão do Egito, Al-Kamil, foi cingido como cavaleiro, em Acre, por Ricardo, com um cinto e uma espada, como sinal de boa vontade e respeito nas negociações de paz. Segundo os estudiosos, Al-Kamil era um homem culto, que admirava a cultura ocidental, tolerante para com os cristãos. Bernardo, o Tesoureiro, na sua Crônica das Cruzadas, relatando o encontro de Francisco com o Sultão, afirma que Al-Kamil era um homem “inclinado à doçura, e o escutou com bondade” [02].





## 2. AS FAKE NEWS MEDIEVAIS SOBRE CRISTÃOS E MULÇUMANOS

Para que a cruzada tivesse sucesso, para que as arrecadações fossem suficientes para bancar todos os custos, para que pessoas bem situadas na vida deixassem seu lar, sua família e se arriscassem na guerra, era preciso haver uma forte motivação. Fazendo uma comparação com um recurso muito utilizado na atualidade para espalhar notícias falsas e criar opinião, podemos dizer que, parte da propaganda para promover as cruzadas, eram verdadeiras fake news, em função de interesses e ideologias. A ignorância e o medo do desconhecido sempre foram instrumentos de dominação e controle.

Essa mentalidade de terror, de medo, e, conseqüentemente, de necessidade urgente de eliminação do mal, representado pelo islã, foi sendo incrementada pelos teólogos medievais em defesa da “Guerra Santa”. Para São Bernardo de Claraval (1090-1153), grande propagandista das Cruzadas, que escreveu a Regra dos Templários, a Cruzada era uma guerra contra a injustiça feita a Deus e à sua Igreja, pelos infiéis. O cruzado que matava em batalha não era culpado por seu pecado, pois estava combatendo a injustiça sob o comando de Deus, através de seu Vigário na terra, o Papa [03].

Também afirmava que a morte em batalha era um verdadeiro martírio, melhor do que a vitória. Para Bernardo, quem matava um muçulmano na guerra, “não matava um homem, mas o demônio”.

Do mesmo modo, “não cometia um homicídio, mas um malecídio (non homicida, sed... malicida), e pode ser considerado um carrasco autorizado por Cristo contra o malvado: mata em plena consciência, e morre tranquilo; morrendo, se salva; matando, o faz por Cristo” [04]. Papa Inocência III, numa de suas cartas convocando as Cruzadas, a Quia Maior, comparava o Islã à besta do Apocalipse: “Esperamos ver chegar em breve o fim desta besta, cujo número, segundo o Livro do Apocalipse de São João, corresponde a 666...” [05].

A manutenção e difusão desta imagem distorcida tinha um objetivo: as Cruzadas, surgidas para “libertar Jerusalém”, aos poucos foram se revelando uma verdadeira empresa comercial, lucrativa para alguns poucos poderosos, e uma forma de expansão de poder territorial e de status. O papa Inocência III, que convocara a IV e a V Cruzada, tinha como ideal para a Igreja a “Plenitudo Potestatis”, o máximo do poder. Ora, o islã, bem como os vários movimentos heréticos, contra os quais também foram organizadas Cruzadas, eram uma ameaça a este poder, principalmente na Terra Santa, onde o Senhor se encarnara e realizara a salvação. Imbuídos da urgência desta “Guerra Santa”, a maioria dos soldados empenhava-se devotamente, e, em nome de Deus, arriscava sua vida pelo “Negotium Crucis”.

Para a realização da V Cruzada, o papa Inocência III criou uma das mais bem preparadas campanhas de propaganda de que se tem notícia na história da Idade Média. Os melhores pregadores eram enviados a todos os cantos da Europa. Nas igrejas, nas feiras, nas vilas, nos torneios, nos castelos, os pregadores, bispos, monges, mendicantes (depois de 1230), eram engajados no anúncio da Cruzada, em sermões, procissões, missas. Menestréis compunham músicas e poemas, incitando os homens a demonstrar sua fé, coragem e virilidade para combater os infiéis [06]. Vários privilégios eram oferecidos a quem se dispunha a “abraçar a cruz”: a proteção de seus bens e propriedades, o perdão de dívidas, principalmente se devidas a judeus, a possibilidade de se desligar de votos, juramentos e promessas já feitos, o perdão dos pecados, a indulgência plenária. Estes privilégios eram estendidos a quem não podia ir às Cruzadas, mas ajudava os cruzados. Muitos eram motivados por verdadeira e sincera devoção, outros se engajavam por aventura, por falta de perspectiva de vida, por causa da pobreza, na ilusão de ganhos e riqueza.

### **3. FRANCISCO E O SULTÃO**

Francisco de Assis havia tentado ir ao Oriente duas vezes, sem sucesso, em 1212 e entre 1213 e 1215. No dia 24 de junho de 1219, junto com frei Iluminado, finalmente embarcou para o Egito. As tropas da Quinta Cruzada estavam já há um ano nas areias do Delta do Nilo, assediando Damietta. Francisco chegou provavelmente em agosto de 1219. As tropas estavam se preparando para um grande ataque. Alguns cronistas relatam os fatos presenciados e vividos por Francisco a partir deste momento. Tomás de Celano descreve os preparativos e o envolvimento de Francisco [07]. Sabendo da batalha, Francisco disse a frei Iluminado que “o Senhor lhe havia revelado” que os cristãos não iriam se sair bem. Disse também que temia dizer isso abertamente aos cruzados e ser

considerado louco. Mas também sentia que não podia se calar, em nome da própria consciência. O que fazer? Frei Iluminado lhe aconselhou dizer o que pensava. Francisco tentou alertar os cruzados, mas não foi ouvido. O ataque aconteceu, e o resultado foi trágico: os sarracenos levaram a melhor, com muitos cristãos mortos ou aprisionados. Seguiu-se um tempo de negociações. O sultão enviou uma proposta de paz: os muçulmanos entregariam a cidade de Jerusalém, que era o objetivo da Cruzada, com uma soma em dinheiro para sua reconstrução, além de outros castelos nas vizinhanças. Também entregariam a relíquia da verdadeira cruz, desaparecida desde a tomada de Jerusalém por Saladino [08]. Em troca, os cristãos abandonariam o Egito. Embora alguns achassem a proposta tentadora, esta foi rejeitada, principalmente pela oposição do Cardeal Pelágio, legado papal e primeiro responsável pela Cruzada, pelos italianos, que viam em Damietta muito mais possibilidades de lucro do que em Jerusalém, e a maior parte dos clérigos, os templários e os hospitaleiros. Foi provavelmente neste período de negociações que Francisco entrou no campo inimigo.

Vários autores e cronistas, da Ordem e de fora dela, se ocuparam do encontro entre Francisco e Al-Kamil. Cada um acrescenta um detalhe, traz uma nova informação, que nos permite ter um quadro, se não exato, ao menos aproximado do que de fato aconteceu. Um dos textos mais confiáveis, segundo os especialistas, é um texto da Crônica de Ernoul, um cronista que viveu a maior parte de sua vida no Oriente [09]. Segundo este relato, dois clérigos chegados ao campo de batalha pediram permissão ao Cardeal Pelágio para atravessar a linha de combate e irem pregar ao Sultão. Diante da negativa do Cardeal, estes insistiram tanto que o prelado acabou cedendo, dizendo que eles podiam ir, mas sem a sua licença. No acampamento muçulmano, levados diante do Sultão, este perguntou se queriam se tornar muçulmanos ou se eram mensageiros.



Responderam que jamais seriam muçulmanos, mas que iam como mensageiros de Deus, para levar a Deus a alma do Sultão. “E é por isso que viemos a vós. Se vós quiserdes ouvir-nos e escutar-nos, nós vos mostraremos com correta argumentação – diante dos mais sábios da vossa terra, se vós os mandardes (chamar) – que vossa lei é falsa”. Acrescentaram que, se diante dos sábios não pudessem mostrar que a lei do Sultão era falsa, este poderia mandar-lhes cortar a cabeça. Tendo chamado os sábios, eles se recusaram a discutir com os dois, ordenando ao Sultão que lhes cortasse a cabeça [10]. O Sultão se dirigiu aos dois, dizendo que, embora os sábios ordenassem que ele deveria lhes cortar a cabeça, ele não faria isso, “porque vos daria má recompensa pelo fato de que vós conscientemente vos aventurastes a morrer para entregar minha alma a Deus”. Depois os

convidou a morar com eles. Os dois disseram que desejavam voltar ao acampamento. Antes de se despedir, o Sultão lhes ofereceu presentes, ouro, prata e grande quantidade de tecidos de seda. Os dois recusaram, dizendo que o que para eles era mais valioso era a alma do Sultão com o Senhor, que não podiam ter. Pediram apenas algo para comer, e alimentados retornaram são e salvos ao acampamento.

A presença de Francisco em Damietta também foi testemunhada pelo bispo de Acre, Jacques de Vitry, personagem de destaque no cenário político e eclesial de então. Crítico dos abusos da Igreja, empenhado na reforma, conhecia bem os movimentos religiosos de seu tempo. Era um grande entusiasta da Cruzada, da qual era também pregador. Participou de toda a V Cruzada, desde a chegada a Damietta até a partida. Como testemunha qualificada, escreveu, em 1220, sobre a presença de Francisco no acampamento, e sua ida ao Sultão: “quando veio ao nosso exército inflamado pelo zelo da fé, não teve medo de ir ao exército dos nossos inimigos; e como durante muitos dias tivesse pregado a Palavra do Senhor aos sarracenos e tivesse tido pouco proveito, então o Sultão, rei do Egito, pediu-lhe que em segredo que suplicasse ao Senhor por ele para que, por inspiração divina, aderisse à Religião que mais agrada a Deus” [11]. Para Jacques de Vitry Francisco teve “pouco proveito” em sua missão.

Certamente, o bispo de Acre, movendo-se no espírito de “guerra santa”, de submissão do inimigo a qualquer custo, não foi capaz de perceber, naquele momento, a grandeza e a originalidade do gesto de Francisco, e o alcance que tal gesto teria para a história. De qualquer modo, sua opinião muda, quando cita novamente Francisco e seus frades, na sua “*Historia Occidentalis*”, escrita entre 1223 e 1225 [12]. O prelado afirma que Francisco, “homem simples e iletrado”, levado a “tal excesso de ebriedade e fervor de espírito... dirigiu-se intrépido e munido com o escudo da fé” ao encontro do Sultão, que ele chama de “cruel animal”. Jacques afirma ainda que o Sultão, “por alguns dias o ouviu muito atentamente pregar a si e aos seus a fé em Cristo”. Mas, temendo que alguns de seu exército passassem ao exército dos cristãos, “convertidos ao Senhor pela eficácia da palavra dele”, o mandou “com segurança e reverência” de volta ao acampamento cruzado, com o seguinte pedido: “Reza por mim, para que Deus se digne revelar-me a lei e a fé que mais lhe agrada” [13]. Vitry conclui seu comentário sobre o evento afirmando: “Os sarracenos ouvem de bom grado os mencionados frades menores todo o tempo que pregam sobre a fé em Cristo e a doutrina evangélica”.

O episódio é narrado muito sucintamente por Celano na primeira biografia de Francisco [14]. Na Segunda, como já acenamos, ele nos fornece informações preciosas, mas sem fazer nenhuma referência ao encontro com o Sultão. Boaventura e outros autores, no geral se mantêm na linha da hagiografia. Basta citar aqui o episódio em que relatam o ordálio (a prova de fogo), ou a crueldade dos sarracenos quando recebem Francisco [15]. Na verdade, na medida em que os fatos vão se distanciando nos anos, os detalhes vão se tornando cada vez mais ricos e sugestivos. Sem nos aprofundarmos na análise, podemos sucintamente dizer que Francisco foi recebido pelo Sultão, ficou alguns dias com ele, e foi mandado de volta são e salvo. Sobre o que conversaram? Não

sabemos, mas certamente o Evangelho e a experiência religiosa de ambos esteve no centro das conversações.

Tendo retornado do encontro, Francisco permaneceu até novembro de 1219 no acampamento, quando finalmente Damietta foi tomada. Francisco pode testemunhar, mais uma vez, toda a crueldade e violência da guerra. Segundo o cronista Eráclio, Francisco “vendo que o mal e o pecado começavam a crescer entre os cristãos, partiu muito amargurado” [16]. Depois de passar um tempo na Síria, tendo recebido notícias de que a Ordem estava em “grande confusão”, retornou à Itália.

A viagem de Francisco ao Oriente marcou profundamente sua vida. Contra o senso comum, que considerava os muçulmanos infiéis demoníacos, Francisco pouco ou nada podia fazer. Mas ele deixa transparecer, nos seus escritos e na organização da Ordem, alguns aspectos desta marcante experiência [17]. Em janeiro de 1220, cinco frades eram martirizados no Marrocos, pelos sarracenos. Na Regra Não Bulada, cuja elaboração chega a termo por volta de 1221, logo após o retorno de Francisco do Oriente, no Capítulo XVI, sobre “Os que vão para o meio dos Sarracenos e outros infiéis”, Francisco determina que “não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus” [18]. Não litigar, nem porfiar: evitar discussões e brigas. Tais determinações devem ser lidas à luz da experiência de Francisco, que respeitosamente foi ao sultão, e respeitosamente foi recebido por ele. Mas também se contrapõe ao relato do martírio dos cinco frades, que foram mortos depois de insistirem em desrespeitar o islamismo e insultar o próprio Maomé, em terras muçulmanas e na presença do próprio Sultão do Marrocos. Embora a atitude dos cinco frades estivesse em sintonia com o pensar da Igreja de então, e com o modo de se compreender a relação com o islã, não era este o tipo de missão em que Francisco acreditava e propunha para seus frades.

Em dois escritos, redigidos quase imediatamente após sua volta do Egito (1220), Francisco faz um pedido que deixa clara a influência do costume islâmico de chamar os fiéis às cinco orações diárias, pelo muezim: na Carta aos Governantes dos Povos: “E presteis tanta honra ao Senhor no meio do povo a vós confiado que, todas as tardes, seja anunciado por um pregoeiro ou por outro sinal, para que o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus Onipotente” [19]; na Carta aos Custódios (Primeira Recensão): “E de tal modo anuncieis e pregueis a todas as pessoas sobre o louvor dele que, a toda hora e quando soarem os sinos, sempre sejam dados, por todo o povo, louvores e graças ao Deus onipotente por toda a terra” [20].

## CONCLUSÃO

Diante da mentalidade dominante no mundo cruzado, e da situação em que se encontravam os soldados em Damietta, o gesto de Francisco aparenta ser um gesto de loucura. Sem dúvida, ele e seu companheiro correram risco de vida. Os relatos mais verossímeis deixam claro que estiveram bem perto de ser decapitados. É evidente que

Francisco não foi a Damietta com o intuito de opor-se à Cruzada. Seu objetivo era o mesmo dos cruzados. Como os cruzados, e como todo cristão medieval, Francisco queria liberar os lugares santos da presença islâmica. Mas sua estratégia era diferente. Como bem destacam os biógrafos, o martírio estava no horizonte de possibilidades de Francisco, mas não era a única alternativa. Para Francisco, mais importante do que o martírio, era o anúncio do Evangelho e a promoção da paz. Francisco não acreditava na guerra. Da juventude certamente lhe ficaram impressas na alma as terríveis imagens da batalha em Perúgia, onde acabara preso, e onde muitos de seus colegas foram mortos. Francisco era, sobretudo, o homem do Evangelho, da paz, do diálogo, da cortesia. Embora vivesse neste contexto de demonização do islamismo, e fosse fiel à Igreja, Francisco é capaz de pensar e agir diferente. E o faz mesmo correndo o risco de ser considerado louco e até herege. Mas o anúncio do Evangelho e a possibilidade da paz valem o risco. Por isso, ele rompe as barreiras e vai ao encontro do Sultão. O Sultão, por sua vez, por tradição familiar, era aberto ao diálogo, como já vimos. Francisco e o companheiro só não foram decapitados por que ele, em sua benevolência, explicitamente se negou a seguir a lei islâmica. Francisco se dispõe a conhecê-lo pessoalmente, e ao mesmo tempo dá-se a conhecer por ele. Ao decidir encontrá-lo em seu território, Francisco arrisca a vida, mas também utiliza-se de um artifício infalível: faz-se hóspede do Sultão, colocando-se livremente em suas mãos, totalmente despojado de poder, como menor. E a hospitalidade é sagrada para um muçulmano. Francisco foi ao encontro do Sultão usando não as armas dos cruzados, mas a arma da palavra, da pregação e, principalmente, sua própria pessoa. Ele não entendia árabe, e o Sultão provavelmente entendesse pouco de italiano ou latim. Mas as palavras são o que menos importa aqui. Entre estes dois, tão diferentes culturalmente, dá-se um verdadeiro encontro, encontro de corações e almas nobres, que gera conhecimento e afinidade. Quando se conhecem pessoalmente, as barreiras e preconceitos são quebrados, os temores, fruto da ignorância, desaparecem. Deste breve encontro de poucos dias, baseado no respeito mútuo e na abertura ao diálogo, novas possibilidades de relacionamentos se abrem, novos horizontes se descortinam, e continuam a inspirar encontros e diálogos, oitocentos anos depois.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

*Fontes Franciscanas e Clarianas*, Tradução de Celso Márcio Teixeira, Vozes, Petrópolis 2004.

**Gobry, Ivan**, *O século de Bernardo*. Cîteaux e Clairvaux (seculo XII), Città Nuova, Roma 1998.

*La Musica dei Crociati*, **Bettina Hoffmann**, Modo Antiquo, Italia, 2000.

Oliveira, Ênio Marcos de, *Francisco de Assis e o Islã: a vida segundo a forma do Santo Evangelho e a Minoridade como caminho para o diálogo inter-religioso*, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora, 2014.

Rosset, Paul, *História das Cruzadas*, Zahar Editores, RJ 1980.

Tyerman Christopher, *A Guerra de Deus*, Vol. II, Imago, RJ 2006.

Vaiani, Cesare, *Storia e teologia dell'esperienza spirituale di Francesco d'Assisi*, Edizione Biblioteca Franciscana, Milano 2015.

Arquivos eletrônicos

[https://en.wikipedia.org/wiki/Al-Kamil#cite\\_note-14](https://en.wikipedia.org/wiki/Al-Kamil#cite_note-14). Acessado no dia 14 de março de 2019.

<http://www.ofsliguria.it/wp-content/uploads/2017/09/Cronache-e-altre-testimonianze-non-francescane-1.pdf>. Acessado no dia 14 de março de 2019.

[https://thejosias.com/2015/03/17/st-bernard-and-the-theology-of-crusade/#\\_ftn46](https://thejosias.com/2015/03/17/st-bernard-and-the-theology-of-crusade/#_ftn46), acessado em 13 de março de 2019.

[01] – Al-Adil (1200-1218), pai de Al-Kamil (1218-1238), Sultão do Egito, era irmão mais novo de Saladino.

[02] – <http://www.ofsliguria.it/wp-content/uploads/2017/09/Cronache-e-altre-testimonianze-non-francescane-1.pdf>. Acessado no dia 14 de março de 2019. Na avaliação dos fatos históricos todos os dados (e lados) precisam ser analisados nos seus prós e contras. E dentro de seu contexto. Ao lado deste possível comportamento benévolo para com os cristãos, a guerra exigia do Sultão que agisse com toda a ferocidade de um chefe militar. Basta dizer que, no auge do conflito, ele ofereceu uma moeda de ouro para quem lhe trouxesse uma cabeça de cristão. Diz-se que alguns trouxeram-lhe 50 cabeças de uma vez.

[03] – Gobry, Ivan, O século de Bernardo. Cîteaux e Clairvaux (seculo XII), Città Nuova, Roma 1998, 313-317.

[04] – [https://thejosias.com/2015/03/17/st-bernard-and-the-theology-of-crusade/#\\_ftn46](https://thejosias.com/2015/03/17/st-bernard-and-the-theology-of-crusade/#_ftn46), acessado em 13 de março de 2019.

[05] – Infelizmente alguns acontecimentos recentes nos mostram que esta visão sobre os muçulmanos ainda persiste em alguns ambientes no Ocidente. Por outro lado, a visão que os muçulmanos tinham dos Ocidentais também não era das mais lisonjeiras: um povo exótico e distante, economicamente atrasado, fanáticos religiosos, dispostos a matar todos os que se opunham ao seu credo.

[06] – Veja-se a exemplo a edição de dois cd's, com músicas do tempo das Cruzadas: *La Musica dei Crociati*, Bettina Hoffmann, Modo Antiquo, Italia, 2000.

[07] – Fontes Franciscanas e Clarianas, Segunda Vida de Celano, IV, 30, p. 320-321, Tradução de Celso Márcio Teixeira, Vozes, Petrópolis 2004. Chama a atenção o fato de que Celano não faz nenhuma referência ao encontro com o Sultão.

[08] – Na verdade, o Sultão não ofereceu tudo de uma vez. A proposta de paz foi sendo aprimorada ao longo das negociações, mas sempre recusada pelos cristãos.

[09] – Fontes Franciscanas e Clarianas, Crônica de Ernoul, p. 1428-1431. O cronista não dá nome aos frades, e os identifica como “clérigos”.

[10] – Ter as cabeças cortadas era o destino de todos os prisioneiros, cristãos e muçulmanos. Os templários se divertiam, lançando as catapultas cheias de cabeças de muçulmanos através das muralhas de Damietta. Os muçulmanos faziam o mesmo com os cristãos. Este nível de violência que marcava a relação entre as partes em conflito mostra que o momento não era propício a conversas sobre conversão!

[11] – Fontes Franciscanas e Clarianas, Carta escrita de Damietta, em fevereiro ou março de 1220, p. 1423. Em 1216 Jacques de Vitry já havia escrito uma carta onde citava os frades menores.

[12] – Idem, 1423-1427.

[13] – Alguns estudiosos sugerem que Francisco teria sido confundido com uma espécie de “sufi”, típico místico islâmico, que se dedica à recitação, meditação e prática do corão. Al-Kamil apoiou a difusão de centros sufis durante seu sultanato. No Egito e na Síria, os muçulmanos conheciam a tradição religiosa dos monges e eremitas.

[14] – Fontes Franciscanas e Clarianas, Primeira Vida, XX, 57, 238-239.

[15] – No tempo em que ocorreram os fatos, a prática do ordálio era considerada heresia.

[16] <http://www.ofsliguria.it/wp-content/uploads/2017/09/Cronache-e-altre-testimonianze-non-francescane-1.pdf>. Acessado no dia 14 de março de 2019.

[17] – Citaremos apenas alguns aspectos onde aparecem a influência do islã sobre Francisco. Sobre isto, veja-se a Tese de Doutorado: Francisco de Assis e o Islã: a vida segundo a forma do Santo Evangelho e a Minoridade como caminho para o diálogo inter-religioso, Ênio Marcos de Oliveira, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora, 2014.

[18] – Fontes Franciscanas e Clarianas, Regra não Bulada, 176.

[19]– Idem, Carta aos Governantes dos Povos, p. 126.

[20] – Ibidem, Carta aos Custódios (Primeira Recensão), p. 110.

## **CONVERSA FRATERNA**

1. Após voltar do Encontro com o Sultão, Francisco escreve o capítulo da regra sobre os que querem ir por entre os infiéis e sarracenos. Neste capítulo, ele pede que os irmãos vão mansos e humildes, sem brigar ou litigiar. Eis aí diante de nós o modo de ir ao encontro do “diferente”. Francisco se colocou inteiramente nas mãos do Sultão, se fez menor. E nós, quando nos reunimos com os irmãos e irmãs de outras religiões, sabemos nos portar com minoridade e mansidão? Ou vamos cheios de si, com formulações e ideias prontas? O que, de concreto, podemos levar para nossa vida desse testemunho de Francisco com o sultão?



# Mensagem para o mês do Ramadã



## INTRODUÇÃO

*A Ordem dos Frades Menores, através da Comissão para o diálogo com o Islã, divulgou uma mensagem dirigida aos muçulmanos por ocasião do Ramadã, que neste ano acontece entre 5 de maio e 4 de junho.*

*O Ramadã é o período do ano mais importante para o mundo islâmico, quando faz-se o jejum de dia e a celebração da purificação à noite. O Ramadã é um mês de festividades e alegrias e as relações com a família são estreitadas, as orações se tornam mais intensas, assim como a caridade.*

*O jejum faz parte de um dos cinco pilares da religião islâmica. Os outros atos de adoração são a shahadah, que é a declaração de fé; salah, as cinco orações diárias; zakah, ou esmola; e o hajj, a peregrinação à Meca.*

---

A nossos irmãos e irmãs muçulmanos em todo o mundo,  
As-salaamu ‘alaykum! A paz esteja com vocês!

Em nome da Comissão Especial para o Diálogo com o Islã da Ordem dos Frades Menores, uma vez mais, alegra-me muito cumprimentá-los pelo início do Ramadã. Este é um tempo sagrado para vocês, que comemoram e celebram a revelação que Deus fez, colocando o Alcorão como caminho para todos os homens (Al-Bácará 2,185).

É um tempo de grandes contrastes: o rigoroso jejum do dia e o generoso iftar, refeição noturna, em que os pratos e sobremesas contrastam com a simplicidade da ocasião e a pureza da água com a qual se quebra o jejum diário, quando milhares de devotos se reúnem para orar nas mesquitas, e cada indivíduo reza no silêncio de seu coração. “Ó fiéis, está-vos prescrito o jejum, tal como foi prescrito a vossos antepassados, para que temais a Deus” (Al-Bácará 2, 183). Este é um tempo especial, que é vivido com a família e os amigos, e um tempo que inclusive os desconhecidos são bem-vindos à mesa. É particularmente durante este mês de jejum islâmico que os muçulmanos dão as boas-vindas a pessoas de todos os credos para compartilhar a refeição ao final do dia.

Este ano, nos meses que antecederam o Ramadã, os muçulmanos mostraram uma hospitalidade extraordinária e generosa a Sua Santidade, o Papa Francisco, durante visita aos Emirados Árabes Unidos, no mês de fevereiro, e ao Reino de Marrocos, no mês de março; também em suas visitas anteriores a Terra Santa, Turquia, República Centro-Africana e Egito, entre outros países. Nestas visitas, o Papa Francisco falou insistentemente do seu desejo de seguir o exemplo de São Francisco de Assis, que com uma “mensagem de paz e fraternidade” viajou ao Egito em 1219, onde foi recebido calorosamente pelo Sultão al-Malik al-Kamil. Assim como aconteceu com São Francisco e o Sultão, estas visitas deram ao Papa e aos líderes muçulmanos a oportunidade de demonstrar indistintamente a fraternidade que Deus deseja para os cristãos e muçulmanos como “descendentes do mesmo pai, Abraão” (Audiência Geral, 3 de abril de 2019).

De fato, com nos recordou Sua Majestade, Muhammad VI, rei de Marrocos, durante a recente visita do Papa, a fraternidade compartilhada por cristãos e muçulmanos remonta a Era Islâmica. Vários anos antes da Hégira, quando os muçulmanos enfrentavam perseguições na Meca, o Profeta Muhammad (PBUH, A paz esteja com ele) enviou-os a buscar refúgio com Negus, o rei cristão de Abissínia, o qual lhes deu sua proteção.

Tragicamente, no mundo de hoje, tanto muçulmanos como cristãos se veem obrigados a fugir de seus lugares devido a perseguições, guerras e injustiças. Inclusive aqueles que saíram dos campos de guerra não estão totalmente seguros, como vimos de maneira dramática nos eventos recentes em Christchurch, na Nova Zelândia e no Sri Lanka. Em sua visita recente aos Emirados Árabes e Marrocos, o Papa Francisco falou em nome dos imigrantes e dos mais vulneráveis do mundo. Em Marrocos, exortou a comunidade cristã a “seguir de perto as crianças e os pobres, os que são excluídos, abandonados e ignorados, os prisioneiros e os migrantes”, citando as obras de caridade

como “um caminho de diálogo e cooperação com nossos irmãos e irmãs muçulmanos, e com todos os homens e mulheres de boa vontade” (Rabat, 31 de março de 2019). A preocupação com os pobres, os necessitados e os migrantes é fundamental para o Islã, como se expressa enfaticamente o Alcorão:

*“A virtude não consiste só em que orientais vossos rostos até ao levante ou ao poente. A verdadeira virtude é a de quem crê em Deus, no Dia do Juízo Final, nos anjos, no Livro e nos profetas; de quem distribuiu seus bens em caridade por amor a Deus, entre parentes, órfãos, necessitados, viajantes, mendigos e em resgate de cativos”* (Al-Bácará 2, 177).

São os mesmos valores que os muçulmanos e os cristãos compartilham, assim como suas preocupações comuns, no significativo documento assinado pelo grande imã de Al Azhar, Ahmad al-Tayyeb e o Papa Francisco em Abu Dhabi, no mês de fevereiro. Neste texto histórico, intitulado Documento sobre a “Fraternidade humana pela paz mundial e a convivência comum”, os fiéis, tanto muçulmanos como cristãos, são tratados como “crentes” e são exortados por igual a proteger a criação e apoiar todas as pessoas, especialmente os pobres, indigentes, marginalizados e mais necessitados, incluindo os órfãos, viúvas, refugiados, exilados e vítimas de guerras e torturas, sem distinção. Ainda que reconhecendo os problemas e desafios que enfrentam os muçulmanos e cristãos no mundo; seja na política, economia, tecnologia e meio-ambiente; este documento, resultado da fraternidade muçulmana-cristã, pode ajudar a avançar significativamente o diálogo “entre crentes e não crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade”.

Uma das imagens mais marcantes que tenho do Ramadã é o iftar, a refeição tão esperada ao final do dia de jejum. Recordo com carinho os convites para o desjejum, não somente de amigos, mas também de desconhecidos, policiais e comerciantes do Cairo. Em todo o mundo, frades, religiosas, religiosos e leigos franciscanos são alimentados generosamente na mesa das mesquitas e lugares muçulmanos. A mesa do iftar converte-se assim num símbolo de reunião dos crentes.

A cidade de Jerusalém também serve como um lugar onde se reúnem os crentes, filhos de Abraão, muçulmanos, cristãos e judeus, cada um com sua devoção e fervor. Com esta finalidade, enquanto estava no Marrocos, o Papa Francisco assinou um pedido a Sua Majestade, Muhammad IV, para proteger e promover a cidade de Jerusalém (al-Quds) como patrimônio comum da humanidade e, sobretudo, para os fiéis das três religiões monoteístas, seja lugar de encontro e símbolo de convivência pacífica, na qual se cultivam o respeito mútuo e o diálogo (Rabat, 30 de março de 2019).

Os encontros entre os diferentes representantes das comunidades e os países muçulmanos com o Papa Francisco exemplificam o modelo de fraternidade que muçulmanos e cristãos podem experimentar, apesar das diferenças que nos definiram por muito tempo. Durante este Ramadã, oremos pela segurança das comunidades e para

que seja oportunidade de um encontro muito abençoado com Deus (swt) e um encontro pacífico com todos os que puderem se beneficiar de sua fé e fraternidade. Como o santo Alcorão nos recorda:

*“Cada qual tem um objetivo traçado por Ele. Empenhai-vos na prática das boas Ações, porquanto, onde quer que vos acheis, Deus vos fará comparecer, a todos, perante Ele, porque Deus é Onipotente”* (Al-Bácará 2, 148)

Desejamos um abençoado Ramadã!  
Ramadan Mubarak! Ramadan Kareem!

**Fr. Michael D. Calabria, OFM**

Assistente Especial da Ordem dos Frades Menores para o diálogo com o Islã

**Fr. Manuel Corullón, OFM**

**Fr. Ferdinand Mercado, OFM**

**Fr. Jamil Albert, OFM**

Membros da Comissão para o diálogo com o Islã

# DOCUMENTO

## Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência



## PREFÁCIO

A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres.

Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos mass-media, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos.

De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste «Documento sobre a Fraternidade Humana». Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos.

## DOCUMENTO

Em nome de Deus, que criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, a povoar a terra e a espalhar sobre ela os valores do bem, da caridade e da paz.

Em nome da alma humana inocente que Deus proibiu de matar, afirmando que qualquer um que mate uma pessoa é como se tivesse morto toda a humanidade e quem quer que salve uma pessoa é como se tivesse salvo toda a humanidade.

Em nome dos pobres, dos miseráveis, dos necessitados e dos marginalizados, a quem Deus ordenou socorrer como um dever exigido a todos os homens e de modo particular às pessoas facultosas e abastadas.

Em nome dos órfãos, das viúvas, dos refugiados e dos exilados das suas casas e dos seus países; de todas as vítimas das guerras, das perseguições e das injustiças; dos fracos, de quantos vivem no medo, dos prisioneiros de guerra e dos torturados em qualquer parte do mundo, sem distinção alguma.

Em nome dos povos que perderam a segurança, a paz e a convivência comum, tornando-se vítimas das destruições, das ruínas e das guerras.

Em nome da «fraternidade humana», que abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais.

Em nome desta fraternidade dilacerada pelas políticas de integralismo e divisão e pelos sistemas de lucro desmesurado e pelas tendências ideológicas odiosas, que manipulam as ações e os destinos dos homens.

Em nome da liberdade, que Deus deu a todos os seres humanos, criando-os livres e enobrecendo-os com ela.

Em nome da justiça e da misericórdia, fundamentos da prosperidade e pilares da fé.

Em nome de todas as pessoas de boa vontade, presentes em todos os cantos da terra.

Em nome de Deus e de tudo isto, Al-Azhar al-Sharif – com os muçulmanos do Oriente e do Ocidente - juntamente com a Igreja Católica – com os católicos do Oriente e do Ocidente – declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério.

Nós – crentes em Deus, no encontro final com Ele e no Seu Julgamento –, a partir da nossa responsabilidade religiosa e moral e através deste Documento, rogamos a nós mesmos e aos líderes do mundo inteiro, aos artífices da política internacional e da economia mundial, para se comprometer seriamente na difusão da tolerância, da convivência e da paz; para intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente e acabar com as guerras, os conflitos, a degradação ambiental e o declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente.

Dirigimo-nos aos intelectuais, aos filósofos, aos homens de religião, aos artistas, aos operadores dos *mass-media* e aos homens de cultura em todo o mundo, para que redescubram os valores da paz, da justiça, do bem, da beleza, da fraternidade humana e da convivência comum, para confirmar a importância destes valores como âncora de salvação para todos e procurar difundi-los por toda a parte.

Partindo duma reflexão profunda sobre a nossa realidade contemporânea, apreciando os seus êxitos e vivendo as suas dores, os seus dramas e calamidades, esta Declaração acredita firmemente que, entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias

materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentais.

Nós, embora reconhecendo os passos positivos que a nossa civilização moderna tem feito nos campos da ciência, da tecnologia, da medicina, da indústria e do bem-estar, particularmente nos países desenvolvidos, ressaltamos que, juntamente com tais progressos históricos, grandes e apreciados, se verifica uma deterioração da ética, que condiciona a atividade internacional, e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido de responsabilidade. Tudo isto contribui para disseminar uma sensação geral de frustração, solidão e desespero, levando muitos a cair na voragem do extremismo ateu e agnóstico ou então no integralismo religioso, no extremismo e no fundamentalismo cego, arrastando assim outras pessoas a render-se a formas de dependência e autodestruição individual e coletiva.

A história afirma que o extremismo religioso e nacional e a intolerância geraram no mundo, quer no Ocidente quer no Oriente, aquilo que se poderia chamar os sinais duma «terceira guerra mundial aos pedaços»; sinais que, em várias partes do mundo e em diferentes condições trágicas, começaram a mostrar o seu rosto cruel; situações de que não se sabe exatamente quantas vítimas, viúvas e órfãos produziram. Além disso, existem outras áreas que se preparam a tornar-se palco de novos conflitos, onde nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, numa situação mundial dominada pela incerteza, pela decepção e pelo medo do futuro e controlada por míopes interesses económicos.

Afirmamos igualmente que as graves crises políticas, a injustiça e a falta duma distribuição equitativa dos recursos naturais – dos quais beneficia apenas uma minoria de ricos, em detrimento da maioria dos povos da terra – geraram, e continuam a fazê-lo, enormes quantidades de doentes, necessitados e mortos, causando crises letais de que são vítimas vários países, não obstante as riquezas naturais e os recursos das gerações jovens que os caracterizam. A respeito de tais crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional.

A propósito, é evidente quão essencial seja a família, como núcleo fundamental da sociedade e da humanidade, para dar à luz filhos, criá-los, educá-los, proporcionar-lhes uma moral sólida e a proteção familiar. Atacar a instituição familiar, desprezando-a ou duvidando da importância de seu papel, constitui um dos males mais perigosos do nosso tempo.

Atestamos também a importância do despertar do sentido religioso e da necessidade de o reanimar nos corações das novas gerações, através duma educação sadia e da adesão aos valores morais e aos justos ensinamentos religiosos, para enfrentarem as tendências individualistas, egoístas, conflituais, o radicalismo e o extremismo cego em todas as suas formas e manifestações.



O primeiro e mais importante objetivo das religiões é o de crer em Deus, honrá-Lo e chamar todos os homens a acreditarem que este universo depende de um Deus que o governa: é o Criador que nos moldou com a Sua Sabedoria divina e nos concedeu o dom da vida para o guardarmos. Um dom que ninguém tem o direito de tirar, ameaçar ou manipular a seu bel-prazer; pelo contrário, todos devem preservar este dom da vida desde o seu início até à sua morte natural. Por isso, condenamos todas as práticas que ameaçam a vida, como os genocídios, os atos terroristas, os deslocamentos forçados, o tráfico de órgãos humanos, o aborto e a eutanásia e as políticas que apoiam tudo isto.

De igual modo declaramos – firmemente – que as religiões nunca incitam à guerra e não solicitam sentimentos de ódio, hostilidade, extremismo nem convidam à violência ou ao derramamento de sangue. Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião que abusaram – nalgumas fases da história – da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens para os levar à realização daquilo que não tem nada a ver com a verdade da religião, para alcançar fins políticos e económicos mundanos e míopes. Por isso, pedimos a todos que cessem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego e deixem de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo e de opressão. Pedimo-lo pela nossa fé comum em Deus, que não criou os homens para ser assassinados ou lutar uns com os outros, nem para ser torturados ou humilhados na sua vida e na sua existência. Com efeito Deus, o Todo-Poderoso, não precisa de ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas.

Este Documento, de acordo com os Documentos Internacionais anteriores que destacaram a importância do papel das religiões na construção da paz mundial, atesta quanto segue:

- A forte convicção de que os verdadeiros ensinamentos das religiões convidam a permanecer ancorados aos valores da paz; apoiar os valores do conhecimento mútuo, da fraternidade humana e da convivência comum; restabelecer a sabedoria, a justiça e a caridade e despertar o sentido da religiosidade entre os jovens, para defender as novas gerações a partir do domínio do pensamento materialista, do perigo das políticas da avidez do lucro desmesurado e da indiferença baseadas na lei da força e não na força da lei.

- A liberdade é um direito de toda a pessoa: cada um goza da liberdade de credo, de pensamento, de expressão e de ação. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos. Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Por isso, condena-se o facto de forçar

as pessoas a aderir a uma determinada religião ou a uma certa cultura, bem como de impor um estilo de civilização que os outros não aceitam.

- A justiça baseada na misericórdia é o caminho a percorrer para se alcançar uma vida digna, a que tem direito todo o ser humano.

- O diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas económicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do género humano.

- O diálogo entre crentes significa encontrar-se no espaço enorme dos valores espirituais, humanos e sociais comuns, e investir isto na propagação das mais altas virtudes morais que as religiões solicitam; significa também evitar as discussões inúteis.

- A proteção dos locais de culto – templos, igrejas e mesquitas – é um dever garantido pelas religiões, pelos valores humanos, pelas leis e pelas convenções internacionais. Qualquer tentativa de atacar locais de culto ou de os ameaçar através de atentados, explosões ou demolições é um desvio dos ensinamentos das religiões, bem como uma clara violação do direito internacional.

- O terrorismo execrável que ameaça a segurança das pessoas, tanto no Oriente como no Ocidente, tanto no Norte como no Sul, espalhando pânico, terror e pessimismo não se deve à religião – embora os terroristas a instrumentalizem – mas tem origem no cúmulo de interpretações erradas dos textos religiosos, nas políticas de fome, de pobreza, de injustiça, de opressão, de arrogância; por isso, é necessário interromper o apoio aos movimentos terroristas através do fornecimento de dinheiro, de armas, de planos ou justificações e também a cobertura mediática, e considerar tudo isto como crimes internacionais que ameaçam a segurança e a paz mundial. É preciso condenar tal terrorismo em todas as suas formas e manifestações.

- O conceito de cidadania baseia-se na igualdade dos direitos e dos deveres, sob cuja sombra todos gozam da justiça. Por isso, é necessário empenhar-se por estabelecer nas nossas sociedades o conceito de cidadania plena e renunciar ao uso discriminatório do termo minorias, que traz consigo as sementes de se sentir isolado e da inferioridade; isto prepara o terreno para as hostilidades e a discórdia e subtrai as conquistas e os direitos religiosos e civis de alguns cidadãos, discriminando-os.

- O relacionamento entre Ocidente e Oriente é uma necessidade mútua indiscutível, que não pode ser comutada nem transcurada, para que ambos se possam enriquecer mutuamente com a civilização do outro através da troca e do diálogo das culturas. O Ocidente poderia encontrar na civilização do Oriente remédios para algumas das suas doenças espirituais e religiosas causadas pelo domínio do materialismo. E o Oriente poderia encontrar na civilização do Ocidente tantos elementos que o podem

ajudar a salvar-se da fragilidade, da divisão, do conflito e do declínio científico, técnico e cultural. É importante prestar atenção às diferenças religiosas, culturais e históricas que são uma componente essencial na formação da personalidade, da cultura e da civilização oriental; e é importante consolidar os direitos humanos gerais e comuns, para ajudar a garantir uma vida digna para todos os homens no Oriente e no Ocidente, evitando o uso da política de duas medidas.

- É uma necessidade indispensável reconhecer o direito da mulher à instrução, ao trabalho, ao exercício dos seus direitos políticos. Além disso, deve-se trabalhar para libertá-la das pressões históricas e sociais contrárias aos princípios da própria fé e da própria dignidade. Também é necessário protegê-la da exploração sexual e de a tratar como mercadoria ou meio de prazer ou de ganho económico. Por isso, devem-se interromper todas as práticas desumanas e os costumes triviais que humilham a dignidade da mulher e trabalhar para modificar as leis que impedem as mulheres de gozarem plenamente dos seus direitos.

- A tutela dos direitos fundamentais das crianças a crescer num ambiente familiar, à alimentação, à educação e à assistência é um dever da família e da sociedade. Tais direitos devem ser garantidos e tutelados para que não faltem e não sejam negados a nenhuma criança em nenhuma parte do mundo. É preciso condenar qualquer prática que viole a dignidade das crianças ou os seus direitos. Igualmente importante é velar contra os perigos a que estão expostas – especialmente no ambiente digital – e considerar como crime o tráfico da sua inocência e qualquer violação da sua infância.

- A proteção dos direitos dos idosos, dos vulneráveis, dos portadores de deficiência e dos oprimidos é uma exigência religiosa e social que deve ser garantida e protegida através de legislações rigorosas e da aplicação das convenções internacionais a este respeito.

Por fim, através da cooperação conjunta, a Igreja Católica e a al-Azhar anunciam e prometem levar este Documento às Autoridades, aos Líderes influentes, aos homens de religião do mundo inteiro, às organizações regionais e internacionais competentes, às organizações da sociedade civil, às instituições religiosas e aos líderes do pensamento; e empenhar-se na divulgação dos princípios desta Declaração em todos os níveis regionais e internacionais, solicitando que se traduzam em políticas, decisões, textos legislativos, programas de estudo e materiais de comunicação.

Al-Azhar e a Igreja Católica pedem que este Documento se torne objeto de pesquisa e reflexão em todas as escolas, nas universidades e nos institutos de educação e formação, a fim de contribuir para criar novas gerações que levem o bem e a paz e defendam por todo o lado o direito dos oprimidos e dos marginalizados.

Ao concluir, almejamos que esta Declaração:

- seja um convite à reconciliação e à fraternidade entre todos os crentes, mais ainda, entre os crentes e os não-crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade;
- seja um apelo a toda a consciência viva, que repudia a violência aberrante e o extremismo cego; um apelo a quem ama os valores da tolerância e da fraternidade, promovidos e encorajados pelas religiões;
- seja um testemunho da grandeza da fé em Deus, que une os corações divididos e eleva a alma humana;
- seja um símbolo do abraço entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul e entre todos aqueles que acreditam que Deus nos criou para nos conhecermos, cooperarmos entre nós e vivermos como irmãos que se amam.

Isto é o que esperamos e tentaremos realizar a fim de alcançar uma paz universal de que gozem todos os homens nesta vida.

Ahmed el-Tayyeb  
Papa Francisco

# Ofício pela paz : Oração reunindo irmãos e irmãs de várias Igrejas e religiões<sup>1</sup>



*Imagem: Celebração inter-religiosa no Convento do Largo São Francisco - SP*

**Ambiente:** Preparar um ambiente com elementos e símbolos usados pelas várias religiões: incenso, tocha, velas, plantas, Bíblia, Cruz, flores, cartazes, água de cheiro, terra, frutos, bandeira da paz, etc.

## **REFRÃO ORANTE** (n. 01)

*Frei Zilmar Augusto, OFM*

Ó Espírito de Deus... \* Ó Espírito de Deus, \* nos inspira o teu Amor, \* nos conduz em teu perdão, \* para sermos mais irmãos(ãs). \* Na escuta da Palavra, \* no partir o mesmo Pão, \* brilhe nossa união!

## **ABERTURA** (n. 02)

**Dirigente.:** Abri, os meus lábios, ó Senhor!

**Todos.:** E minha boca anunciará vosso louvor.

<sup>1</sup> Esta oração foi elaborada com o Ofício Divino das Comunidades.

## RECORDAÇÃO DA VIDA

**Dirigente:** Por “inspiração divina”, após ter escutado a passagem do Evangelho, São Francisco quis ser missionário entre os sarracenos. Nesta experiência de ir ao encontro ele encontrou-se com o Sultão. Desse encontro entre Francisco e o Sultão, brotou nossa vocação missionária. A vocação missionária dos Franciscanos e Franciscanas, nada mais é do que promover no mundo a cultura do encontro, do diálogo e da paz com o diferente. Celebrar os 800 anos desse encontro profético, é renovar em cada um de nós o desejo de sermos profetas do encontro, do diálogo e da paz. Por isso, neste momento, vamos recordar exemplos que já vimos e experiência que vivemos sobre o diálogo transformador com irmãos e irmãs de outras religiões cristãs e não cristãs.

*Recordar situações que ferem a paz ; lembrar e acontecimentos e pessoas que promovem a paz.  
Oração silenciosa em comunhão com as vítimas das guerras e conflitos.*

*Quem quiser pode falar de sua experiência em voz alta.*

### **HINO (n. 03)**

*Frei Zilmar Augusto, OFM*

**Nós somos arautos do Evangelho da Paz \* dialogamos com todas as religiões no respeito e na paz, \* Para que brilhe a Fraternidade entre os Filhos de Deus nosso Pai.**

1. Se alguém, por divina inspiração \* quiser ir aos infiéis, peça ao ministro. \* E o ministro não conceda esta licença \* senão ao mais idôneo dos irmãos. (cf. RnB 9, 2)
2. Abstenham-se de rixas e disputas, \* sirvam a todos por causa do Senhor, \* Confessando serem cristãos por vocação, \* e, se oportuno, anunciem a Palavra. (cf. RnB 9,7-8)
3. Sempre mansos e pacíficos no Senhor, (cf. Mt 11,29) \* que ensina aos mansos o seu caminho (cf. Sl 25,9), \* pacificai os corações enfurecidos, \* dos povos todos fazei filhos da paz.

### **SALMO 133(132) (n. 04)**

*Versão: Zé Vicente*

“Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos” (Jo 13,35).

*Neste salmo, inspirado numa velha canção, cantemos a alegria da fraternidade e bendigamos a Deus pela nossa comunhão.*

**||:Oi, que prazer, que alegria,  
o nosso encontro de irmãos!:||**

1. É óleo que nos consagras,  
que ungiu teu servo Aarão.  
- É como um banho perfumado,  
gostosa é nossa união!

**||:Oi, que prazer, que alegria,  
o nosso encontro de irmãos!:||**

2. Orvalho de alta montanha  
que desce sobre Sião.  
- Sereno da madrugada,  
gostosa é nossa união!

3. Senhor, tu nos abençoaas,  
e a vida vem de porção.  
- É vida que dura sempre,  
gostosa é nossa união!

4. Ao Deus de todas as crenças  
a glória e a louvação.  
- No amor da Santa Trindade,  
gostosa é nossa união!

*Quem quiser pode repetir em voz alta alguma palavra ou frase que lhe chamou a atenção durante o canto do Salmo.*

## **Oração Sálmica**

**Dirigente:** Bendito sejas, Senhor, pela harmonia dos irmãos e irmãs que nos revelam o vosso amor, e pela multidão dos crentes que, com a vossa bênção, possuem um só coração e uma só alma. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **Amém!**

## **PALAVRA DE DEUS**

*Ler do Lecionário ou Bíblia o Evangelho Mt 5, 1-12*

**Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!**

**V.:** Felizes os que promovem a paz, \* pois serão chamados filhos de Deus.

## **PARA REFLETIR**

**Leitor:** “ [...] Ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos. Quem ousaria encerrar num templo e silenciar a mensagem de São Francisco de Assis e de Beata Tereza de Calcutá? Eles não o poderiam aceitar. Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com seus valores e

fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos. Embora “a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política”, a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça”<sup>2</sup>. Todos os cristãos, incluindo os pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. É disto mesmo que se trata, pois o pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, “une o próprio empenho ao esforço em campo social das demais Igrejas e Comunidades eclesiais, tanto na reflexão doutrinal como na prática”<sup>3</sup> (*Papa Francisco, Evangelii Gaudium, n. 183*).



## COMUNHÃO COM AS COMUNIDADES DE OUTRAS RELIGIÕES

*O dirigente lê o título e a motivação para cada momento de oração.*

### I – PELOS IGREJAS CRISTÃS

**Dirigente:** Fazemos memória das **Igrejas cristãs** e oremos para que a Unidade do Corpo de Cristo, se torne visível na diversidade das Igrejas e na comunhão de todo o povo. *Silêncio...*

#### Oração

**Todos.:** Ó Deus, tu és a luz verdadeira e a paz que reconcilia a humanidade. Vem, conforta o teu povo com a paz da justiça, e afasta de nós o ódio, a inveja e as divisões. Dá a todos(as) nós o teu Espírito Santo, hoje e sempre. Amém! (*Da liturgia bizantina*)

### II – PELAS COMUNIDADES JUDAICAS

**Dirigente:** Rezemos em comunhão com as **comunidades judaicas**. *Silêncio...*

<sup>2</sup> Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 28:ASS 98 (2006), 239-240.

<sup>3</sup> Pont. Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 12.



## **Oração**

Ó Deus da Aliança, dá-nos amor e compreensão entre nós. Que a paz e a amizade sejam a nossa força nas tempestades da vida. Faze que ninguém alimente no coração ódio contra nós e nós não tenhamos ódio de ninguém, pois tu és a nossa paz, hoje e sempre. *(Do Talmud)*

## **III - PELOS IRMÃOS E IRMÃS BUDISTAS**

**Dirigente:** Entremos em comunhão especial com os irmãos e **irmãos budistas...**  
*Silêncio...*

## **Oração**

Pelo esforço que nos guia na estrada da iluminação, que todos os seres vivos sejam impregnados da paz. Que as pessoas sofredoras sejam libertadas da dor, que as mulheres grávidas dêem a luz sem sofrer e quem está com frio seja aquecido. Que os animais sejam livres do medo e da crueldade humana e toda a natureza, em paz, seja a tua voz e a tua força de paz. *(Oração budista do século VIII)*

## **IV – PELOS NOSSOS IRMÃOS HINDUÍSTAS**

**Dirigente:** Recomendemos a Deus os nossos **irmãos hinduístas.** *Silêncio...*

## **Oração:**

Ó Espírito de amor, faze-nos olhar todas as pessoas com amizade e ser para elas testemunhas de paz.

## **V – PELOS NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS ISLAMITAS**

**Dirigente:** Recordemos os **irmãos e irmãs islamitas** que adoram o Deus único segundo a lei dada por Maomé. *Silêncio...*

## **Oração:**

No nome de Deus, misericórdia, clemente, nós te adoramos e pedimos tua ajuda. Guia-nos na tua estrada e dá a teus servos e servas o Espírito de humildade que nos faça sempre dizer a todos que nos encontram a palavra da paz. *(Sura XXV)*

## **VI – PELOS POVOS DA PÁTRIA AMERÍNDIA**

**Dirigente:** Louvemos a Deus que se manifesta nas culturas indígenas do nosso Continente. Oremos por todos os **povos da pátria ameríndia.** *Silêncio...*

## **Oração:**

Ó nosso primeiro Pai, ó nossa primeira mãe, foste tu quem por primeiro conheceste nossa maneira de ser, foste tu quem primeiro falaste a palavra fundamental, antes de abrir a morada desta terra. Dá-nos grandeza de coração, para conviver na paz e viver em pé nesta terra. *(oração guarani)*

## VII – PELAS COMUNIDADES NEGRAS

**Dirigente:** Oremos com todas as comunidades negras... *Silêncio...*

### **Oração:**

Olorum, supremo Deus de amor, dá-nos teu axé, faze-nos descobrir ao redor de nós, teus orixás que nos ligam contigo, com a natureza e com tudo o que é criado. Dá-nos teu axé.

## VIII – POR TODOS OS QUE PROCURAM A DEUS

**Dirigente:** Rezemos com todas as pessoas que procuram Deus, independente de qualquer religião... *Silêncio...*

### **Oração:**

Do coração de Deus e de todos os Espíritos de luz que a terra e todos os seres pensantes sejam abençoados com amor-bondade. Que toda a terra seja abençoada com grande alegria, felicidade e paz divina. Que toda a terra e todos os seres pensantes sejam abençoados com compreensão, harmonia, boa vontade e desejo de bem. Assim seja. (*Oração dos dois corações do Metre Choa Kok Sui*).

### **BÊNÇÃO** (n. 05 ou 08)

*D.R.*

Deus te abençoe, Deus te proteja, Deus te dê a paz! Deus te de a paz!

### **ABRAÇO DA PAZ** (n. 05 ou 08)

*Irmã Míria T. Kolling, ICM*

Shalôm, a paz eu te desejo, irmão!

Shalôm, a paz eu te desejo, irmã!

A paz de Cristo, a paz de Cristo,  
tão desejada pelo coração!...

A paz que nasce dentro, em mim,

a paz que nasce dentro, em ti,

a paz que nasce dentro, em nós...

Shalôm, Salam, a todos, paz de Deus!

Shalôm - comigo em harmonia!

Shalôm - a paz com as pessoas!

Paz com o mundo, a natureza!

Shalôm - paz com o Criador!

Shalôm é o bem, a alegria!

Shalôm - com a vida é que se entoa!

Shalôm - encher-se da beleza

do Deus-Amor!

# Partituras

*\*Os áudios das partituras abaixo poderão ser solicitados pelo e-mail:  
encontrodecantosfranciscanos@gmail.com*

# 01. Ó Espírito de Deus (Refrão Orante)

Pode ser usado em Celebrações Ecumênicas

Frei Zilmar Augusto, OFM

(Canção suave)

A musical score for the hymn "Ó Espírito de Deus" in 4/4 time. The score consists of three staves of music. The first staff begins with the lyrics "Ó Es - pí - ri - to de Deus..." and includes chords Am, Em7, Am, A7, Dm, B°, G, and B°. The second staff starts with a measure rest (5) and continues with "pi-ra/o teu A - mor, nos con - duz em teu per-dão, pa-ra ser - mos mais ir - mãos. Na es -" with chords Dm, E7, Am, F/C, Am, Em, A, and A7. The third staff begins with "cu - ta da Pa - la - vra, no par - tir do mes-mo Pão, bri - lhe nos - sa u - ni - ão!" and includes chords Dm, B°, Am, F, Am, Em7, and Am.

Ó Espírito de Deus...  
Ó Espírito de Deus,  
nos inspira o teu Amor,  
nos conduz em teu perdão,  
para sermos mais irmãos(ãs).  
Na escuta da Palavra,  
no partir o mesmo Pão,  
brilhe nossa união!

## 02. Abri os meus lábios

### a) Invitatório

Música: Frei Joel Postma, OFM

V.: A - bri os meus lá - bios, ó Se - nhor!

R.: E mi - nha bo - ca/a - nun - ci - rá vos - so lou - vor.

V.: Abri os meus lábios, ó Senhor!

R.: E minha boca anunciará vosso louvor!

### b) Outras horas cotidianas

Música: Frei Joel Postma, OFM

V.: Vin - de, ó Deus, em meu au - xí - lio. R.: So - cor - rei - me sem de -

mo - ra! Gló - ria/ao Pai e/ao Fi - lho e/ao Es -

pí - ri - to San - to. Co - mo e - ra no prin - cí - pio/a - go - ra/e

sem - pre. A - mém! (A - le - lu - - - - ia!)

V.: Vinde, ó Deus, em meu auxílio!

R.: Socorrei-me sem demora!

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Como era no princípio, agora e sempre. Amém! (Aleluia!)

\*Na Quaresma omite-se o "Aleluia!"

# 03. Nós somos arautos do Evangelho da Paz

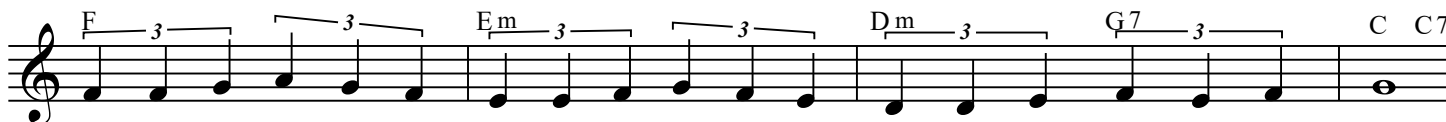
800 Anos do Encontro entre São Francisco e o Sultão 1219-2019

Frei Zilmar Augusto, OFM

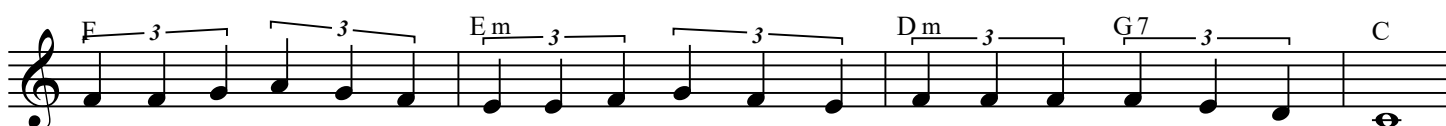
(Marcha alegre)



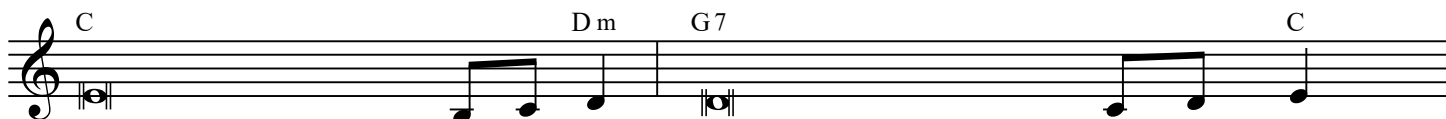
Refr.: Nós so - mos a - rau - tos do E - van - ge - lho da Paz.



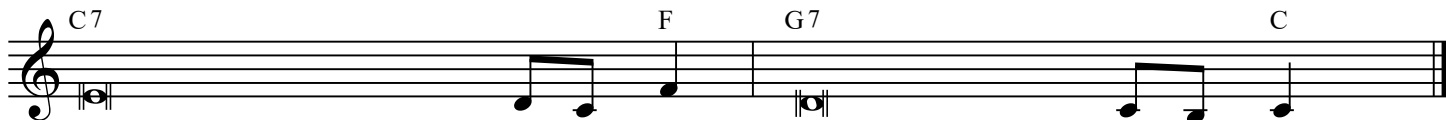
Di - a - lo - ga - mos com to - das as re - li - gi - ões no res - pei - to/e na paz.



Pa - ra que bri - lhe a fra - ter - ni - da - de/en - tre/os fi - lhos de Deus nos - so Pai.



1. Se alguém, por divina ins - pi - ra - ção quiser ir aos infiéis, peça ao mi - nistro.



E o ministro não conceda es - ta lí - cença senão ao mais idôneo dos ir - mãos.

**Refrão.: Nós somos arautos do Evangelho da Paz  
dialogamos com todas as religiões no respeito e na paz,  
Para que brilhe a Fraternidade entre os Filhos de Deus nosso Pai.**

1. Se alguém, por divina inspiração  
quiser ir aos infiéis, peça ao ministro.  
E o ministro não conceda esta licença  
senão ao mais idôneo dos irmãos. (cf. RnB 9, 2)

2. Abstenham-se de rixas e disputas,  
sirvam a todos por causa do Senhor,  
Confessando serem cristãos por vocação,  
e, se oportuno, anunciem a Palavra. (cf. RnB 9,7-8)

3. Sempre mansos e pacíficos no Senhor, (cf. Mt 11,29)  
que ensina aos mansos seu caminho (cf. Sl 25,9),  
pacificai os corações enfurecidos,  
dos povos todos fazei filhos da paz.

## 04. Oi, que prazer (Sl 133)

Ofício Divino das Comunidades

Versão: Reginaldo Veloso  
Música: Folc música religiosa

(Valsa alegre)

Refr.: Oi, que pra - zer, que/a - le - gri - a o nos - so/en con - tro de/ir -  
mãos!(ãs) Oi,... ...mãos!(ãs) 1. É ó - leo que nos con -  
sa - gra, que/un - giu teu ser - vo/A - a - rão. É co - mo/um  
banh' - per - fu - ma - do, gos - to - sa/é nos - sa/u - ni - ão!

"Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos" (Jo 13,35).

*Neste salmo, inspirado numa velha canção, cantemos a alegria da fraternidade e bendigamos ao Senhor pela nossa comunhão.)*

### Refrão.:

**||:Oi, que prazer, que alegria**

**O nosso encontro de irmãos!(ãs):||**

1. É óleo que nos consagra,  
que ungiu teu servo Aarão.  
- É como um banho perfumado,  
gostosa é nossa união!

2. Orvalho de alta montanha  
que desce sobre Sião.  
- Sereno da madrugada  
gostosa é nossa união!

3. Senhor, tu nos abençoa,  
e a vida vem de porção.  
- É vida que dura sempre,  
gostosa é nossa união!

4. Ao Deus de todas as crenças  
a glória e a louvação.  
- No amor da Santa Trindade,  
gostosa é nossa união!

### Oração sálmica

Bendito sejas, Senhor, pela harmonia dos irmãos que nos revelam o vosso amor, e pela multidão dos crentes que, com a vossa bênção, possuem um só coração e uma só alma. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

## 05. Shalôm, a paz!

Shalôm = Paz, em hebraico / Salam = Paz, em árabe

*Ir. Miria T. Kolling, ICM*

(Hora - dança folclórica judaica)

Sha - lôm, a paz eu te de-se-jo,/ir-mão! Sha-lôm, a paz eu te de-se-jo,/ir - mã!

A paz de Cris-to, a paz de Cris-to, tão de-se - ja - da pe - lo co - ra - ção!...

A paz que nas - ce den - tro/em mim, a paz que nas - ce den-tro/em ti,

a paz que nas - ce den-tro,/em nós!... Sha - lôm, Sa - lam, a to-dos, paz de Deus! Sha -

lôm, co - mi-go/em har-mo - ni - a! Sha - lôm, a paz com as pes - so - as! Paz

com o mun-do,/a na - tu - re - za! Sha - lom paz com o Cri - a - dor! Sha -

lôm, é/o bem, a a - le - gri - a! Sha - lôm com/a vi - da/é que se/en - to - a! Sha -

lôm en - cher - se da be - le - za do Deus A - mor!

Shalôm, a paz eu te desejo, irmão!  
Shalôm, a paz eu te desejo, irmã!  
A paz de Cristo, a paz de Cristo,  
tão desejada pelo coração!...  
A paz que nasce dentro, em mim,  
a paz que nasce dentro, em ti,  
a paz que nasce dentro, em nós...  
Shalôm, Salam, a todos, paz de Deus!

Shalôm - comigo em harmonia!  
Shalôm - a paz com as pessoas!  
Paz com o mundo, a natureza!  
Shalôm - paz com o Criador!  
Shalôm é o bem, a alegria!  
Shalôm - com a vida é que se entoa!  
Shalôm - encher-se da beleza  
do Deus-Amor!



## 06. Sim, nós podemos!...

Inspirada na eleição histórica de Barack Obama como Presidente dos Estados Unidos, em 5 de novembro de 2008.  
Composto em 6 de novembro, a ele dedicado.

Letra e música: Irmã Miria T. Kolling, ICM

(Jazz)

Sim, nós po - de - mos can - tar! Sim, nós po - de - mos so - nhar!  
 Sim, nós po - de - mos plan - tar a se - men - te que traz no - va e - ra de paz!  
 De - pen - de de mim, de - pen - de de ti, de - pen - de de nós, só de nós!  
 Sim, nós po - de - mos! Sim, nós po - de - mos, po - de - mos sor - rir, as for - ças u - nir,  
 nos dar as mãos e cons - tru - ir mun - do/ir - mão! To - do  
 cre - do, ra - ça/e cor con - vi - da - do/é do A - mor, pa - ra/a - brir o co - ra - ção  
 e dar as mãos ao ir - mão. Num só co - ro can - tar, jun - tos so - nhar  
 mun - do fra - ter - - no, de/har - mo - ni - a/e paz, vi - da/em Deus!...

Sim, nós podemos cantar!  
 Sim, nós podemos sonhar!  
 Sim, nós podemos plantar  
 a semente que traz nova era de paz!  
 Depende de mim, depende de ti,  
 depende de nós, só de nós!  
 Sim, nós podemos!  
 Sim, nós podemos, podemos sorrir,  
 as forças unir,  
 nos dar as mãos e construir  
 mundo irmão!

Todo credo, raça e cor  
 convidado é do Amor,  
 para abrir o coração  
 e dar as mãos ao irmão!  
 Num só coro cantar,  
 juntos sonhar  
 mundo fraterno,  
 de harmonia e paz,  
 Vida em Deus!...

# 07. Fazei-me, Senhor, instrumento de vossa Paz

Frei Beraldo J. Hanlon, OFM

(Marcha-Rancho)

1. Fa - zei - me, Se - nhor, ins - tru - men - to de vos - sa paz;  
 on-de/hou ver ó - dí - o, que/eu le - ve o/a mor, on-de/hou ver o -  
 fen - sa, Se - nhor, que eu le - ve o per - dão, que eu  
 le - ve o per - dão ao meu ir - mão. Fa...-

**-Refr.:** Ó Mes - tre, fa - zei que eu pro - cu - re mais con - so - lar que  
 ser con - so - la - do, com-pre-en - der que ser com pre/en di - do, a -  
 mar que ser a - ma - do. Pois, é dan - do, que se re -  
 ce - be; é per - do - an - do, que se é per - do - a - do; e é mor -  
 ren - do, que se vi - ve pa - ra/a vi - da/e ter - na. na.

*rit.* e é mor - ren - do, que se vi - ve pa - ra/a vi - da/e ter - na.

# 08. Faz de mim, Senhor, um instrumento! (Refrão Orante)

Oração atribuída a São Francisco

Frei Zilmar Augusto, OFM

(Tranquilo, suplicante)

Musical score for the prayer. It consists of three staves of music in G major (one sharp) and 2/4 time. The melody is written in treble clef. Chords are indicated above the notes. The lyrics are written below the notes.

Staff 1: Chords: D, Bm, Em, D, F#m, G. Lyrics: Faz de mim, Se - nhor, faz de mim, Se -

Staff 2: Chords: A, D, G, A7, F#m, Bm. Lyrics: nhor, um ins - tru men - to de Tu - a Paz! Oh! Faz de

Staff 3: Chords: Em, A7, D. Lyrics: mim, Teu ins - tru - men - to, meu Bom Se - nhor!

Faz de mim, Senhor,  
faz de mim, Senhor,  
um instrumento de Tua Paz!  
Oh! Faz de mim,  
Teu instrumento,  
meu Bom Senhor!

## 09. Deus te abençoe! (*Bênção de São Francisco de Assis*)

D.R.

The musical score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The melody consists of quarter notes and eighth notes. The lyrics are written below the notes. The first line of music has four measures with chords D, G, A, and D above them. The second line of music starts at measure 5 and has four measures with chords Bm, Em, A, and D above them.

Deus te a - ben - ço - e! Deus te pro - te - ja!

5 Deus te dê a paz! Deus te dê a paz!

Deus te abençoe!  
Deus te proteja!  
Deus te dê a paz!  
Deus te dê a paz!